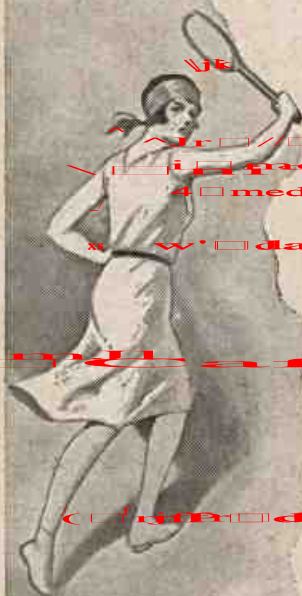
Fon Fon
MG
932
ANNO XXVI — N.º 22
Rio, 28 de Maio de 1932
PREÇO: 1$000

A saude acima de tudo
PARA a conservação desse tesouro que é a saude, é indispensavel a pratica dos sports. Assim revigora-se o corpo, tornando-se o espirito alegre e otimista.
Quando um mal fisico nos ataca o organismo, devemos defende-lo usando tão sómente medicamentos que por sua insuperada qualidade e pureza, mereçam absoluta confiança.
CAFIASPIRINA
o remedio de confiança
BAYER
o analgesico por excelencia para as dôres de cabeça, de dentes, de ouvido, enxaquecas, nevralgias, reumatismo, incomodos femininos, resfriados, etc. Alivia as dôres com surpreendente rapidez, sem deprimir nem prejudicar o organismo.

O conto brasileiro

SCENAS DO MEXICO

De Maria Neves de Castro

ANNA MARIA é o titulo do novo livro da escriptora Maria Neves de Castro, a apparecer nos primeiros dias de junho. Pertence a essa obra da illustre autora de Anforas *e* Aromas *o conto inédito que aqui offerecemos aos nossos leitores, por uma especial gentileza da sra. Neves de Castro, nome festejado e brilhante das letras sul-americanas.*

—VAMOS, traze-me a prisioneira! O ajudante apressou-se a cumprir a ordem do superior. Este era um official de trinta annos, mais ou menos, alto, de corpo athletico. Sua historia era simples. Filho de familia rica, o pae fêl-o seguir a carreira militar um tanto por tradição e mais ainda, na sua opinião, para livrál-o dos vicios e loucuras da mocidade. Concluidos os estudos, protegido por influencias e recommendações, não lhe foi difficil ser incluido no pelotão do exercito destinado a perseguir os pobres indios com o fito de civilizál-os.

Ah! O uniforme, cheio de botões dourados, seduz as mulheres!... E, assim, elle vivia, orgulhoso de seu porte, desfructando aquella vida aventureira entre o vinho, a taberna e as mercadoras de amor...

Algumas vezes fôra conduzido ao quartel em estado deploravel, completamente embriagado, depois de uma noite de orgia.

Tal era a vida de Guilherme — o joven official que, á porta de sua tenda de campanha, esperava, um tanto alcoolizado, o cumprimento de uma ordem e a realização de um desejo...

— Prompto, capitão!

E o ajudante, perfilando-se, apresentou-lhe uma vigorosa mulher, de olhos tristes, tendo os dois braços fortemente atados.

— Vae-te!

E o subalterno desappareceu pressuroso por entre as tendas.

Então, o official acercou-se mais da pobre mulher, que chorava em silencio, e interpellou-a:

— Que succede á formosa Helga, para tanto chorar quando está ao meu lado ?

Helga era india. Toda a sua geração dormia sob aquelles montes seculares que ella tanto amava.

Embora mal, falava o castelhano, pois frequentava as aldeias e povoações trocando objectos fabricados pela sua gente por mercadorias de civilizados. Amava intensamente sua raça, seus costumes e tradições, seus montes majestosos e selvas inexploraveis, onde o braço do progresso não lográra penetrar, e detestava aquelles homens que, dizendo-se civilizadores, protectores da raça india, saqueavam seus dominios, desrespeitavam a mulher do prisioneiro, matando friamente o indefeso velho para lhe roubar a filha moça.

As palavras do official — "formosa Helga" — resoaram-lhe nalma como um grito funesto de combate.

— Vem, entra em minha tenda — disse-lhe Guilherme, imperiosamente.

Depois de lançar-lhe um olhar de odio, ella, inclinando humilde a cabeça, obedeceu-lhe.

— Helga, querida, tu me odeias? — perguntou-lhe, já dentro da barraca, transformado em humilde cordeiro, o official.

Ella olhou-o com desprezo, rangendo os dentes, desesperada.

— Sim! Odeio-te! — murmurou. — Como não odiar o homem cruel que assassinou traiçoeiramente aquelle a quem havia confiado minha sorte? Como não odiar eternamente o homem que mata quando o inimigo está indefeso?

— Helga! Não me insultes! Vê que estou arrependido, prompto a despojar-me de tudo que me atormente a consciencia, para afugentar a visão do teu marido, que de mim se acerca todas as noites, allucinando-me! Helga, por tudo o que quizeres, pelo ser que te deu a vida, perdôa-me!... Eu te rogo de joelhos, o que nunca fiz nem por meus paes!...

Ella respondeu-lhe com uma gargalhada frenetica, vibrante de odio e vingança.

Então, despeitado, louco, elle fitou-a com olhos congestionados de raiva.

Deu alguns passos pelo quarto, e, apanhando uma garrafa de sobre a mesa, tomou de um só trago o seu conteúdo. Depois, aproximando-se-lhe novamente, a cambalear, disse:

— Vaes querer-me... Dize...

— Não! — retrucou a india, sem vacillar.

— Pois bem; não sendo minha, não serás de mais ninguem!

E, apanhando uma adaga reluzente, deteve-se defronte della, que com os braços amarrados permanecia immovel...

Uma rajada de vento levanta-lhe as vestes, e elle, fascinado, abandona a arma com que ia matál-a.

— Não me queres? — pergunta-lhe, ainda uma vez...

— Não! — replicou-lhe.

— Não importa! Si não te entregas por bem, como até agora esperei, has de ser minha pela força! — grita-lhe, enfurecido, o homem.

E atirando-se sobre a infeliz, arremessou-a ao solo, maltratando-a brutalmente.

— Deixa-me! deixa-me! — pedia a pobrezinha, debatendo-se.

E elle, num instante de reflexão, apaziguada a colera:

— Queres-me?

— Sim! — respondeu a india. — Mas não deves ser tão cruel commigo...

Essas palavras realizaram subita transformação no animo do official, que, levantando-a do chão, a collocou num banco, beijando-a loucamente.

— Serás bom para mim? — perguntou-lhe, com voz dolente, a mulher?

— Sim, respondeu elle, acariciando-lhe a cabelleira revolta.

— Bem, desata-me os braços, que me tens torturado desde o cahir do sol...

(Cont. na pag. seguinte)

POEMA BANAL

Hoje á noite, ao luar,
eu tive uma saudade immensa de você...
um desejo esquisito, eu nem sei explicar,
uma vontade absurda, uma vontade
de beijar a saudade e abraçar a saudade,
mas não sei bem por que...

Andei a conversar com as estrellas radiosas,
num delirio de amor.
Contei-lhes minhas magoas dolorosas
e meus sonhos de dôr.
Mas, não sei bem porque
crescia esta saudade immensa de você!...

Depois, cansado o corpo, no meu leito,
abraçando a saudade
de um sonho insatisfeito,
comecei a rever a minha mocidade,
toda feita de dor, de tortura e de magoa...
E, sem saber por que,
senti cahir do olhar a gotta d'agua
que vinha da saudade immensa de você...

OSWALDO GOUVÊA

MISS PRUDENCIE

O major Mc Cutcheon atravessou, com a graça de um camello — em toda a Africa meridional se conhecia seu peso: 443 libras, e sua estatura: seis pés e duas polegadas e meia — a grande sala do forte King George II, e se dirigiu ao salãozinho de jogo, onde o esperava, havia um quarto de hora, o capitão Bryant Hornby.

Sir Bryant Hornby, herdeiro do titulo de conde de Lighton, official dos Hussards da rainha, grande jogador e cortejador de damas, havia quatro mezes que residia na Africa, em virtude de um castigo que lhe impoz seu coronel. E, na fronteira do antigo Transvaal e da colonia portugueza de Delagoa, o surprehendeu o rompimento da guerra de 1914.

Naquella tarde de um dos ultimos dias de agosto, quasi fria — agosto, no hemispherio austral, corresponde a fevereiro do boreal — esperava ansiosamente o commandante do forte, cansado de sua inacção, emquanto seus companheiros realizavam prodigios de coragem em Charleroi, onde se cobriam de gloria. Rigido deante do hercúleo major, disse:

— A's suas ordens, senhor commandante!

Antes de falar, Mc Cutcheon contemplou por um momento o elegante official que esperava suas palavras, e moveu a cabeça do modo habitual que indicava nelle satisfação.

— Sir Hornby, o senhor se lamentou, ha tres semanas, de que aqui nos aborrecemos lindamente, emquanto que na Europa se combate continuamente. O senhor tem razão, e eu pensei em solicitar do commandante militar de Cape Town a ordem de seu regresso e sua reincorporação ao glorioso regimento de que faz parte.

O peito do tenente se contrahiu: tres semanas antes, elle pensava assim, mas agora...

O major continuou:

— Um facto novo, entretanto, me dissuadiu de meu primeiro proposito. Não se alarme, Hornby. Tranquillize-se. Si eu renuncio á idéa de reincorporal-o a seu regimento e o conservo commigo, é para immobilizal-o neste forte, que é muito estreito para suas ansias de mobilidade. Alegre-se, sir. Tambem nós vamos lutar como nossos companheiros da França e da Belgica, e talvez mais do que elles. Sim, por

SCENAS DO MEXICO

(Conclusão)

Elle fez-lhe a vontade, beijando repetidas vezes aquellas espigas de carne morena, dignas de serem adornadas com pulseiras deslumbrantes.

Quando estava livre, ella distendeu os braços como despertando-os do lethargo fastidioso a que estiveram condemnados. E sorriu, parecendo esquecer as injurias passadas, o assassinio do esposo, o desprezo á sua dignidade, deixando-se beijar e abraçar docemente...

— Queres-me muito?

— Sim, — respondia ella, acariciando entre as suas as mãos que tão criminosamente a victimáram.

— Quão felizes seremos! — disse-lhe, exaltado pela paixão, o official. — Quero-te doidamente, Helga... Vem, senta-te, aqui, em meu collo... Vem dizer que me queres...

Ella obedeceu-lhe, sorrindo. No emtanto, quando elle voltava a cabeça para o outro lado, buscando a garrafa para sorver novos goles, a mulher lhe lança olhares de odio, que bem revelavam a tempestade que se agitava em seu cerebro...

De Evans Lakesmith

que elles são muitos e pódem arrevezar-se, ao passo que nós apenas somos sete: eu, o senhor, o capitão Kelland, seus collegas Lerner, Dillon e Frontinghlam, e o alferes Furner, com duzentos homens ao todo. Não teremos um dia de descanso. Ataques, contra-ataques, sêde, fome, soffrimentos... comprede-me, Hornby?

— Estou satisfeito, major, e repito-lhe que estou ás suas ordens — respondeu o subalterno, transfigurado de alegria.

Mc Cutcheon continuou:

— Ao senhor, que me parece o mais resistente e o mais audaz de todos, confio uma missão especial: destino-o para o serviço do trem que de Lourenço Marques vae, diariamente, a Pretoria. O senhor cuidará da vigilancia entre Baudini e a bifurcação de Eureka City, ponto mais perigoso, porque é menos defendido, e não lhe faltarão ataques dos allemães. Está satisfeito?

Não era necessaria a resposta. Os olhos do tenente falavam com a maior eloquencia. Meia hora depois, e após haver traçado um plano de operações, Hornby, com o major, appareceu ligeiramente na sala onde se festejava o anniversario de mistress Mc Cutcheon.

Hornby dançou um boston com miss Kelland, a deliciosa filha do capitão. Em seguida sahiu. Esperavam-no o sargento Gene e dezoito homens que formavam a patrulha sob seu commando.

A noite era escura, e o frio se fazia sentir intensamente acompanhado de um ventinho que assobiava entre os ramos das arvores e os despojava de suas folhas.

A' claridade de duas tochas, Hornby passou revista aos soldados e cavallos, e quando verificou que tudo estava em ordem, saltou sobre seu alazão, que o assistente lhe trouxéra.

Os sens da orchestra sahim da sala de baile e perdiam-se na noite, tornando mais sensivel a partida. O tenente encolheu os hombros e atravessou, á frente de seus soldados, a porta do fortificado recinto. Uma centena de metros a passo, depois um pouco de trote, e, finalmente, a galope, tomaram o caminho da fronteira.

Hornby não se lembrava de muitas noites tão tranquillas como aquella. Tinha a impressão de estar em Essex, onde

(Cont. na pag. seguinte)

Longo tempo permaneceram unidos, acariciando-se mutuamente.

— Não me queres muito mais assim, como estamos **agora**, unidos, abraçados, tua carne palpitando junto á minha, meu corpo transmittindo-te o calor do meu sangue? Ah, o sangue!

E o sangue correu... E elle tinha cravada no coração a adaga florentina que antes estivéra sobre a mesa e balbuciava phrases debeis, emquanto o sangue lhe envolvia o corpo, como um lençol vermelho...

Ella se levantou a tremer, descerrou as cortinas e, apontando os montes que ao longe pareciam arvores seculares, de troncos carcomidos, exclama:

— Vês, covarde?... Alli está elle, a tua victima! Debaixo daquelles enormes arbustos parece levantar-se um rosto descommunal sobre o monte, e rir ao olhar-te, covarde, escarnecendo de teu mêdo! És a primeira careta da morte e te despojas daquella com que tens amedrontado meio mundo!... Morre, miseravel!...

E, esgueirando-se como uma sombra, desappareceu **protegida** pela alcovitice silenciosa da noite...

CREPUSCULOS

Arquejam os crepusculos cinzentos
Na syncope enervante das alturas;
Dos sonhos vãos as nitidas brancuras
Morrem feridas de estremecimentos...

Em desmaios, debruçam-se sangrentos,
No velludo das aguas verde-escuras,
Os tristes horizontes das torturas,
Os desolados céos dos pensamentos.

Morre a tarde nas ansias de um nocturno
E, dolorosamente taciturno,
Perto, alguem balbucia uma oração.

E eu sinto um misto de loucura e calma:
Sinto a morte da tarde dentro dalma
E a ternura do céo no coração.

MARIO BARRETO

MISS PRUDENCIE

(Continuação)

nascêra, e galopar, não á frente de uma patrulha mas deante de um grupo de caçadores de zorros. As ferraduras dos cavallos batiam surdamente nas pedras, acompanhando com sua cadencia os pensamentos do official. Pensava este na risonha figura de miss Prudencie Kelland, a pequena fada do forte King George II. Para festejar o natalicio de mistress Mac Cutcheon, a loira Prudencia trabalhára dez dias em preparar adornos de flores e plantas, em combinar *cotillons* e divertimentos de toda sorte. Talvez se sentisse triste por não ver apparecer o official de hussards que poucos dias antes lhe havia declarado seu amor. Ella ia intitular-se Prudencie, condessa de Lighton... Si agora pudesse falar-lhe, lhe diria: "Por que não me communicou sua partida, mão amigo?"

O sargento falou. A estrada que punha em communicação a bahia de Delagoa com a ex-capital do Transvaal estava a trezentos metros deante da patrulha. Viam-se, aqui e ali, algumas cabanas de cafres.

Hornby deu ordem de parar.

— Sargento, percorra a via com nove homens, para o oeste. Eu seguirei pelo éste. Depois de percorrer vinte kilometros, volte. Mande-me aviso, immediatamente, de qualquer novidade. Comprehendeu?

— *All right, sir!*

Hornby continuou fantasiando: "Sim, miss Prudencie era, precisamente, a mulher ideal, bella e gentil: uma rosa purpurina, que perfumaria o parque de Lighton, com sua fragrancia e sua bondade"...

Um soldado annunciou:

— Ha alguem ali...

Os homens olharam para o logar assignalado. Effectivamente, sob uma linha de arvores, appareciam, indistinctas e confusas, algumas sombras immoveis, como de pessôas á espreita, umas ajoelhadas, outras extendidas sobre a herva.

A distancia era grande para poder distinguir bem. Só, pois, approximando-se. Dois soldados avançaram, com as maiores precauções.

Eram soldados.... Uns trinta.... Numero excessivo para tão poucos homens como os de Hornby. Só se podia fazer uma coisa: vigiál-os.

Os inglezes, extendidos na herva, silenciosos, aguçavam o ouvido para ver si escutavam os ruidos annunciadores do trem.

Por fim, ao longe, uma estridencia metálica se propagou: o trem subia por uma encosta, resfolegando fatigosamente.

— Attenção! — sussurrou o tenente. — Não percaes de vista aquella gente... e ficae promptos para disparar ao primeiro signal.

Mas os trinta individuos não se moviam. Pareciam estatuas. Uma idéa passou rapidamente pelo espirito de Hornby: tratava-se de alguma *camouflage*, de algum estratágema de guerra. E elle gritou:

— Rapazes, avançar!

Em poucos momentos alcançaram os trinta inimigos, isto é, os trinta fantoches, vestidos de soldados allemães e armados de fusis de madeira.

— Por Jupiter! Enganaram-me! E' imperdoavel!

Uma descarga de fusilaria, a meio kilometro, incendiou a noite. Combatia-se em torno do trem, e as descargas se succediam violentamente, num crescendo cada vez mais fragoroso.

Hornby lançou um grito:

— Os cavallos! Depressa!...

Todos montaram. Dois minutos depois, a metade da patrulha, a galope, corria para o logar do fogo, que não parecia querer diminuir.

Um furacão de projectis chegou até elles.

— A' carga!...

Eram nove rapazes dignos dos veteranos de Balaclava. Atraz de seus officiaes, eram capazes de investir contra um regimento, como os soldados de lord Cardigan, que atacaram um exercito inteiro do czar. Cahiram como uma tromba sobre os allemães que assaltavam o trem. Bryant partiu a cabeça de um inimigo que se lançara contra elle. Depois saltou do cavallo morto, e começou a disparar seu revolver, emquanto seus soldados enchiam a noite com seus rugidos e tiros.

Aquelle soccorro animou a escolta do trem, que se batia com ardor. Dez minutos depois, os inimigos, deixando quinze mortos no terreno, se perderam no bosque, sendo novamente dizimados através das arvores.

Um official inglez apresentou-se a Bryart:

— Sou o tenente Morris Beaton!...

Hornby o reconheceu em um instante, rapido como um relampago: era o famoso noivo do qual miss Prudencie, ás vezes, lhe dizia: "Nada sei a respeito delle. Esqueceu-me... Si gostasse de mim, procuraria vir aqui, em vez de fazer sua carreira na Europa"...

O outro continuou:

— Si não fôra você, caro collega, tudo estaria terminado para nós... E eu não mais poderia ver minha pequena Prudencie, que deve estar, agora, tão contente por meu regresso... Obrigado, camarada!

Bryant apertou-lhe a mão e sorriu. Pensou nos vae-e-vens da vida. Um minuto mais, e miss Prudencie, morto o *outro*, seria sua esposa. Mas reagiu: o dever antes do amor. E ordenou a seus homens:

— Rapazes, tomemos o trem!... E voltemos ao forte, afim de terminar a festa!

Sorriu de novo, e disse a seu collega:

— Miss Prudencie sentir-se-á muito feliz ao vêl-o, Beaton... Ella o esperava...

E, no silencio da noite, seu coração sentiu uma punhalada de dôr.

— "*Maître d'hôtel*". — O senhor desejaria, talvez, almoçar, não?

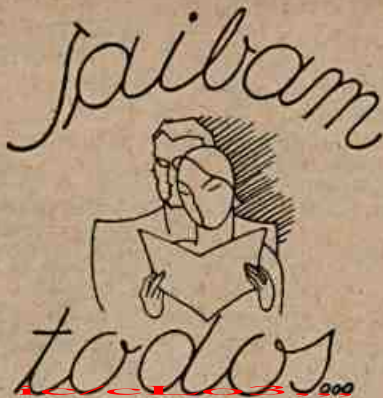
— *O freguez (distrahido)*. — Sim... sim! Espero, porem que haja um logar vago...

ANNA MARIA (Minas) — Oh, muito agradecido. As suas expressões são captivantes, e deixam vêr que si, não sinceras, pelo menos agradam a quem as ouve.

Ha, porém, um detalhe: o assumpto de sua carta é de natureza sentimental e exige uma resposta particular, e não de caracter publico.

Mas, v. ex., exigindo-a, não se lembrou disso. Como é que iria falar, nesta secção, de modo que a resposta só fosse percebida por v. ex.?

De resto, v. ex. me manda um pseudonymo. Que confiança me poderia inspirar! no caso de uma resposta como a que me pede?

MARINA DE OLIVEIRA (R. G. do Norte) — E' verdade que v. ex. me elogia; diz que viu o meu retrato e que teve uma surpreza em verificar que eu era moço...

Tambem não me achou dos mais feios... Ora isso dito por uma poetisa da terra de Potyguar é para desconcertar a cabeça de um homem... Eu, porém, não creio em elogio feminino... Sei bem o que querem as literatas. Ellas só nos enchem de vento quando precisam de nós... Depois... só se lembram de... "outro"...

Mas estou brincando, a sua "Oração do Flagellado" não será publicada porque, como poesia, é um *flagello* tremendo...

Uma prova? Ei-la!

ORAÇÃO DO FLAGELADO

Não choveu mais!
A terra secca e quente,
Sem nada produzir
Parece que está a sentir...
O que se passa no coração da gente.

.. ..

Meu Deus!
Quando vem a chuva,
Que ha de molhar a terra!
a terra é tão bôa...
E quando está molhada,
Dá feijão, milho, gerimum,
Mandioca, maxixe e melancia
Que chega p'ra se comer...
Uma porção de dia...

MANFREDO (E. do Rio) — Recebi as photographias da Festa do calouro com um atrazo de uma semana e bem assim a sua carta amavel.

Ora, o *Fon-Fon* é uma revista de primeira ordem, com grande circulação e prestigio. Consequentemente, ficaria em segundo plano si fosse tratar de assumptos que envelheceram para outras revistas.

Ha de comprehender que, ou temos a primazia em tudo, ou não a acceitamos, em suas condições de inferioridade.

Que quer? Pode parecer que haja nisso excessiva pretensão. Mas, a verdade é que temos a certeza absoluta do valor e do prestigio do nosso semanario em todos os circulos sociaes do paiz. Logo...

Assim, fica entendido que, de outra vez, — e os srs. nos derem as honras e o relevo que julgamos merecer — estaremos ao seu inteiro dispor.

Particularmente, agradeço as palavras gentis que me concedeu na legenda de uma das photographias onde o sr. me deu um destaque que compensou a omissão de que fui victima no dia do magnifico festival da brilhante e distincta mocidade fluminense.

Relativamente á critica furiosa que soffreu o seu livro, direi que, hoje em dia, a critica literaria, no Brasil, vale, apenas, como um ponto de referencia, pelo qual se poderá julgar futuramente, o espirito que dominava e animava certas epocas da nossa vida mental. Isso de um modo global, generico, collectivo e nunca individual.

A nossa critica, do ponto de vista da constructividade, e da contribuição e efficiencia que possa trazer ao progresso e engrandecimento da nossa existencia cultural, não reflecte senão o crepitar das paixões e o egocentrismo que caracterizam este momento da nacionalidade. O melhor de tudo é cada um ir trabalhando, como pode e como sabe. As obras que se destinarem a uma vida mais longa terão, a seu tempo, as devidas laureas; as que cairem antes disso, expressarão o seu desvalor, por si mesmas. Deixemos passar o furacão.

O seu soneto será publicado na primeira opportunidade. O seu retrato — idem. E dê lembranças ao admiravel "Maurice Chevalier", cujo talento imitativo revela um extraordinario creador de bellezas.

E quanta moça linda possue Nictheroy, hein?

CRUDELIA (S. Paulo) — Não sei bem a classificação que merece o seu "caso". Pode ser que haja por ahi um psychanalysta que se interesse por elle.

Leiamos a sua carta, afim de que, pelo seu texto, se estude-a melhor:

"Meu novo amigo. Toda minha idéa é um ziguezague... O poente morre a lua nasce! Amo e esqueço!... Esqueço e amo!...

Hoje o corrupio do vento me volou até ao Yves, esse grande Yves que baila e corrupia em boca de toda a gente!... Yves, sou apologista de tudo que está para vir; não gosto de nada que já veiu. Só creio na minha beleza porque a

vejo reflectida no cristal do meu "boudoir". Sou feliz porque amo a vida a esperar dela uma cousa melhor...

Amôr... Que será isto? Uma fumaça que se desprende de um charuto e se evola, para onde?... "Chi lo sá?" Amôr é cinza, cinza é amôr. Eis a logica da vida!

Crudelia (não a de Bernardino Ribeiro) ":

Creio que deve haver esperanças, com relação ao seu "caso"...

E' possivel que o seu cerebro ainda possa voltar a funccionar direitinho como um relogio que se entrega a um relojoeiro de fama...

O seu relojoeiro deverá ser... um psychiatra...

Faço votos pelo seu completo restabelecimento...

NICEA (Pernambuco) — E' muito agradavel ler o que v. ex. me diz na sua cartinha. Coisas escriptas com a sympathia e o cuidado das minudencias só communs entre pessoas da mesma familia ou velhos amigos que se conhecem e se estimam.

E' verdade que não conheço mais a minha terra. Estou fóra de Recife ha mais de vinte annos.

Isso explica, certamente, o pasmo que teria, si visitasse a bella cidade nortista, a Mauricéa de tantos sonhadores. Mas o certo é que tenho sempre uma saudade immensa a me encher a alma — pela boa terra que me serviu de berço.

Recife! Ah as bellas noites de serenatas, pelas ruas de lampeões lacrimosos, funebres, melancolicos, — mas tão cheios de poesia e simplicidade!

Quando eu ia para a escola, na rua Imperial, corria atraz das "azas azues" das borboletas, que voejavam nos muçambês da Campina do Budé, ao fim da rua Concordia!

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

Como será isso hoje? Mande-me photographias da Recife actual.

Ha, ahi, varios rapazes que me pedem favores e mais favores, mas nunca se lembram de enviar-me uma vista, uma noticia, um jornal — qualquer coisa emfim de caracter documental da minha terra.

Não esqueço Recife, e tenho sempre o mais vivo interesse pelas vidas de Pernambuco.

Que importa a intriga de pigmeus literarios, pobres fantoches sem idoneidade mental! Procuram elles fazer crêr que não gosto de Recife. E' mentira! Não gosto de mediocridades e não posso dar relevo, nesta revista, a cavalheiros sem nenhum merito e os quaes, por esse motivo, me intrigam e me descompõem de maneira soêz.

Desafio a que me provem qual foi o rapaz de valor que me procurou, e não tenha sido tratado por mim com a maior cortezia e amizade. Não basta accusar, pusilanimemente; é necessario provar a accusação.

Que diz?

Não conheço e não sei si está no Rio a pectisa a quem se refére.

Ah, o Rio é tão grande! E' um colosso! A vida aqui é tão intensa!

Ha tanto o que fazer! De resto, quem chega dos Estados é que deve vir trazer-nos as recommendações que nos mandam. Não somos nós que devemos ir ao encontro de taes pessôas. Não é verdade?

Encontrar uma pessôa no Rio — a quem não se conhece — só por acaso. Mesmo porque — aqui — é possivel uma pessôa morar annos em um bairro sem vêr ao menos um conhecido que more em outro bairro vizinho.

Espero a sua visita — quando vier ao Rio. Será a primeira pernambucana que me visitará.

Recebo, frequentemente, visitas das gauchas, das paranaenses, das adoraveis paulistas. Nunca das nortistas.

Yves

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

• • •

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2-4135

FON - FON — 28 - 5 - 932

Data da consulta...............

Nome do consulente...........

....

AMOR BEMDITO

De

Beatriz Costa Amaral

OLGA esperou que o marido dormisse profundamente para ir pôr em execução o que, havia algumas horas, architectára. Levantou-se pé ante pé, para não o acordar, levou alguns minutos a contemplar o bello rosto moço do esposo, foi mirar-se no espelho da penteadeira e poz-se a pensar:

"Decididamente, não quero mais continuar a viver. De hoje em deante, a vida para mim será um martyrio. Jayme deixou de amar-me; minha felicidade morreu. Ha muito tempo que desconfio que elle é amante de minha prima Maria, e a carta anonyma que me enviaram veiu robustecer minha suspeita. Arrependo-me de ter desposado um homem mais moço quatorze annos do que eu. Soffro horrivelmente quando comparo seu rosto joven com o meu já meio emmurchecido. Estou quasi velha e Jayme conta apenas vinte e sete primaveras. Minha belleza é a sombra do que era ainda ha seis annos, quando me casei."

Após, afastou-se do espelho, sentou-se na cama e agarrou um revolver para se suicidar com um tiro no peito. Mas, no momento em que ia puxar o gatilho, o esposo acordou e procurou desarmál-a. A mulher não consentiu, e, na luta que travaram, o revolver detonou, indo a bala alojar-se no pulmão direito do marido. Este cahiu a se esvair em sangue, e Olga perdeu os sentidos. Quando os recobrou, o creado já havia mandado Jayme para uma casa de saude e chamado um medico para a reanimar.

Como uma louca, beijou os lençóes ensopados do sangue do bem amado, chorando convulsivamente. Depois, serenou-se um pouco, enxugou os olhos, e disse, olhando um crucifixo: "Jesus, salvae meu marido! Daeme força e coragem para ajudar a enfermeira a tratál-o! Quero cuidal-o com desvêlo, acariciál-o bastante, procurar suavizar o soffrimento que involuntariamente lhe causei."

Jayme não resistiu á gravidade do ferimento; morreu oito dias após.

Assim que o viu expirar, a esposa tentou atirar-se duma janella do terceiro andar da casa de saúde, mas o medico assistente do marido, um senhor de cincoenta e cinco annos, que na occasião entrava no compartimento onde se achava, agarrou-a e disse-lhe: "Olga, não te suicides! Queres viver para me fazeres feliz, viver para mim que te amo tanto? Não me repudies outra vez! Padeci horrivelmente quando, ha vinte annos, desejei casar-me comtigo e não quizeste. Prometto-te que farei todo o possivel para te esqueceres dos soffrimentos que Jayme te causou. Procurarei tornar-te feliz, muito feliz!"

Olga não falou nada. Apoiou a cabeça no hombro do medico e poz-se a chorar silenciosamente. Reconfortada por ter encontrado uma pessôa amiga, que lhe fazia entrever áquelle amor como um naufrago se agarra a uma táboa de salvação, depois de se julgar completamente perdido.

TREVAS

Por LAURO MENDES

(Continuação)

E elle attribuia a resultante desharmonia de sua mente, totalmente, a — Marcia, Marcia e unicamente Marcia...

* * *

Gustavo não sabia dizer si o apparelho estivéra voando cinco minutos ou uma hora. Procurou lembrar-se de quantos passageiros levava no começo do vôo. Um? Cinco? Quinze? Talvez mais. Não davam signal de sua presença que não fosse immediatamente destruido pelo ruido dos possantes motores.

Marcia, — pensava. Um subito desejo impaciente assaltou-o. Ansiou porque o vôo terminasse, que se encontrasse mais uma vez um logar que lhe fosse familiar, onde pudesse ver outros homens, e onde outros pudessem vêl-o, onde o seu nome — e o tom em que fosse pronunciado — despertasse a alacridade, o serviço efficiente e productivo, e todas as reacções conhecidas sobre as quaes se baseava o segredo do mundo a que pertencia. Este vôo — pensava — era quasi mysterioso, e Gustavo não tinha na alma meandros esquisitos onde abrigasse a predilecção pelas situações mysteriosas e obscuras.

A inquietude de Gustavo attingia ao cumulo. Supponhamos que o aeroplano não attingisse a terra para onde se dirigia. Supponhamos que, em vez de Paris, elle attingisse a Hollanda, uma terra onde elle não tinha quarto reservado, ou onde não conseguisse falar a sua lingua. Supponhamos que, por fantastico erro de direcção, elles fossem a descer em outro planeta. E foram estes os primeiros pensamentos verdadeiramente aproveitaveis de Gustavo. E tambem teriam sido, talvez, os primeiros pensamentos caprichosos que havia tido, desde a sua infancia. Abriu, offegante, a janellinha, e poude ver o pharol intermittente que illuminava a aza do apparelho. Era a evidencia da realidade.

Subito, um dos motores ... instantaneamente, sem, como geralmente acontece, estremecer em arrancos agonicos. Cessou instantaneamente, e aquella diminuição de um terço da força motriz foi bastante perceptivel no silencio reinante. E em dez segundos Gustavo achou-se arranhando desesperadamente as costas do banco fronteiro e offegando ansiosamente com o vento que zunia pela janella do avião que descia precipitadamente. A mysteriosa antenna de um sexto sentido que elle desconhecia em si deu-lhe a perceber, amplificada, a angustia da massa consternada dos restantes invisiveis e impenetraveis passageiros.

Nada fez. Nada poderia fazer. Os outros dois motores continuavam a gyrar e a impellir o apparelho. Pensou em ter ouvido uma voz dizer-lhe rudemente ao ouvido: "Não ha perigo. Parou um motor. Iremos com os outros. Fiquem nos seus logares."

Era — disse-lhe o seu sub-consciente — o piloto reserva que fazia sua ronda, para evitar o incipiente panico. Verdadeiramente, panico algum poderia emocionar Gustavo. Era uma emoção para que não havia vehiculo em sua alma naquelle momento. O aeroplano parecia estar deslisando por uma longa collina. Pareceu-lhe mesmo que haviam parado, mas

percebeu que não cabeceára ninguem. Procurou abrir a janellinha, com mão nervosa, mas o incommensuravel abysmo que via por sob os olhos lhe trouxe uma especie de aturdimento momentaneo. Calculou que a descida apparente fôra apenas uma medida de que lançavam mão os pilotos para remediar a situação.

Agora era o segundo motor que parava. Gustavo perguntava a si mesmo porque não ficava assustado, quando era geral o panico. Poderia ter rebentado em riso si tivesse a certeza de que alguem o ouviria. Dois motores poderiam levar o apparelho, carregado como estava. Um só deixál-o-ia cahir certamente em qualquer ponto obscuro do Canal da Mancha. De novo elle ouviu a voz que gritava:

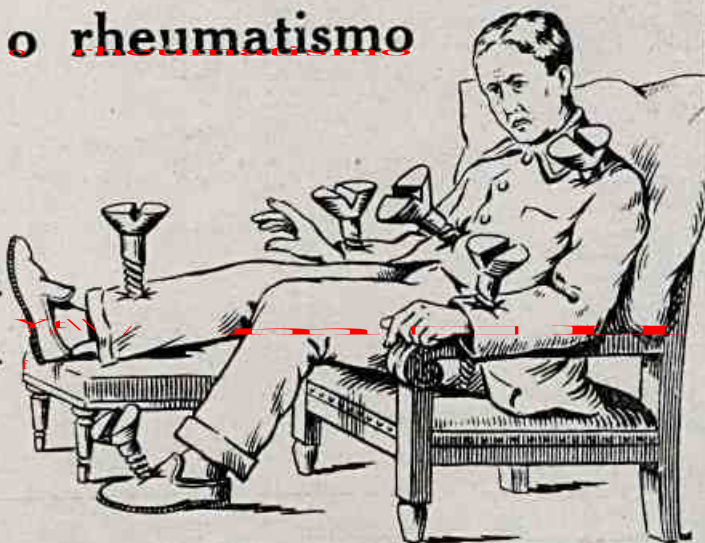
— Ponham os paraquédas! Estamos sobre o Canal, e talvez ainda possamos alcançar terra franceza. Não façam confusão nem deixem os seus logares.

Gustavo não entendeu bem, si "paraquédas" ou "salvavidas". Lembrou-se então de que no apparelho havia uma especie de boias que se enchiam no caso do avião cahir no Canal. Percebeu, depois, o mar de neblina que cobria o verdadeiro mar por sob o aeroplano; não procurou saber o que faziam os outros, mas achava perfeitamente concebivel que estivesse morto dentro dos primeiros cinco ou dez minutos. Deveria cahir no Canal com o apparelho e ver desapparecer no oceano o seu torso rude incrustado de costellas quebradas, feitas de aluminium e madeira. Deveria ver mergulhar no oceano raivoso o fragil papagaio de papel com que se divertiam os homens. E si elle escapasse vivo da tragedia, um tubarão certamente havia de reclamar o seu corpo, como tributo do festim. Ou então — devia haver muitas collinas na França — collinas e neblina. Livre do mar, o piloto deveria procurar a terra e elle certamente iria ser em breve uma posta sangrenta de carne, entre a destruição de vidas que teria logar dahi a pouco. Com um unico motor lateral, parecia ao angustiado Gustavo que o avião gyraria indefinidamente sobre uma aza, num rodopio louco, até conseguir atirar pelas janellas um a um dos seus passageiros. Deveriam todos ir cahindo de costas, como bebedos, voando sem ter azas, para depois talvez morrer dentro de chammas infernaes.

No entretanto, por entre o alluvião de pensamentos sinistros e máos, uma visão deliciosa passou: Marcia. E logo depois, Marcia, no bote. Marcia nadando, graciosa, em Dover. E, numa mutação assombrosa, os factos diarios de sua vida: a sua secretária no escriptorio. E a sua vida. A sua personalidade. Os seus bens. Teve um certo orgulho em verificar, de relance, que tinha a vida em ordem, e si tivesse de morrer, dahi a um minuto, teria desejado de bom grado deixar tudo seu para Marcia.

Era impossivel, entretanto, pensava. O irmão de Marcia tinha testemunhado as suas ultimas phrases — de ruptura de um compromisso — com o fito, apenas, de dar de sua personalidade e energia um aspecto bronzeado de rijeza e tenacidade. Gustavo era um homem rude. E, no momento em que estava prestes a desapparecer, desejou ser mais rude do que tinha sido em vida. Porque a morte é a unica coisa, dentre todas as outras, que póde ser considerada a suprema prova de coragem.

No seu aturdimento, olhou pela janella do apparelho, certo de que ella não tardaria a se espatifar nos seus olhos. Não viu nada — a não ser o olho vermelho da luz do aeroporto — que lhe pareceu um olho agourento de passaro nocturno. Agora ouviu um ranger de correntes. Alguem que lhe apertava o braço. O aeroplano ademou um pouco para o lado e tomou subitamente o seu rumo

(Continúa na pag. seguinte)

alto. O motor restante augmentou a rotação com furia, como num ultimo espasmo.

Gustavo tirou um cigarro do bolso, mas, lembrando-se que era prohibido fumar, jogou-o fóra. Estava conscio do tempo que faltava para que tomasse logar no seu irremediavel destino. Estava certo da infinita e formidavel tensão dos outros que — como elle — estavam esperando. Esperando...

Deviam estar muito alto. E era bom que terminasse de uma vez. Já estava prompto para o choque, para o tumulto. Já tinha terminado o exame de consciencia. Já pensára em quem devia, o necessario. Prompto. E quando elle estava quasi crendo que já deixára de ser alguem, já quasi se esquecêra de onde estava, aconteceu o esperado — inesperado...

Foi um choque violento, seguido de rumor ensurdecedor. Gustavo sentiu-se violentamente apertado de encontro ao assento fronteiro ao seu. Seus membros se contrahiram, a despeito dos esforços dispendidos em contrario. A escuridão transformou-se em horrendo tumulto de gritos, imprecações, preces, pragas, ranger de correntes, estalidos sêccos, e, depois, silencio...

Ainda assim Gustavo conseguiu mover-se na confusão reinante. A principio, tremulo, depois, com segurança. Não tinham cahido — percebia — na agua — e o corpo do gigantesco passaro estava immovel.

— Venham por aqui! — alguem gritou.

As palavras conseguiram arrancar outras. Inconscientemente, caminhando para o desconhecido, as mãos de Gustavo tocaram outras mãos. Ouviu outras phrases:

— Estás ahi, Will? Onde está meu sobretudo, seu piloto? Onde estamos nós? Ha alguem ferido?

Gustavo tirou de entre a massa um pé para fóra — o seu — cuidadosamente. Gyrou-o em volta e não sentiu obstaculo. Outro pé fez o mesmo. Depois o braço, e num supremo arranco, a mão, que se enterrou em uma areia humida e quente. Conseguiu sahir dos destroços, sem ver nada, nem ninguem, e, quasi por imaginação, discerniu as linhas do passaro ferido. Procurou reconstruir o que houvéra acontecido. O apparelho chocára a aza esquerda com a terra, e em virtude do unico motor lateral gyrar ainda fantasticamente, descrevêra innumeros circulos, usando a aza como ponto de apoio, até espatifar-se completamente. Gustavo moveu a cabeça em circulo, e não conseguiu divisar nada dentro da espessa neblina que augmentára de intensidade. Nem uma luz, uma casa, uma fazenda, nada apparecia no indeterminado horizonte. O chão sob seus pés

TREVAS

(Continuação)

estava humido e fetido, e sentiu os membros inundados pela gazolina e oleo, que cobria tudo, roupas, calçados, utensilios, na "fuselage", no campo. Teve uma antevisão do drama. Gritou:

— Não accendam nem um unico phosphoro! Estamos encharcados de gazolina. Nem um unico phosphoro. Morreremos queimados!

— Petroleo! gritou uma voz de mulher, que pareceu enlouquecer a turba.

Com a apprehensão proveniente do novo perigo apenas previsto, Gustavo teve a mesma sensação desagradavel que o assaltára ao tocar a terra. Procurou tomar conhecimento do que se passava nos arredores escuros. Procurou orientar o ouvido para onde eram mais numerosas as vozes, uma amalgama de vozes aterradas, sem nexo, gemidos e dores:

— Onde estamos? Estão todos aqui? Não ha um medico? Quantos eramos, seu piloto? Não usem phosphoros nem isqueiros! Estou coberto de petroleo! Seu piloto, ha algum foguete de soccorro no aeroplano? Si ha alguem ahi que não esteja encharcado de petroleo, que vá ali para longe e dispare um foguete.

— Eu não estou encharcado, madame, mas infelizmente não temos foguetes no apparelho.

— Que logar é este?

— Sei tanto quanto vós, madame. Deveriamos estar em Paris amanhã, ás nove... Ir para deante? Ir é uma palavra impossivel de ser posta em pratica nestas circumstancias, madame.

— A gazolina está me queimando! Tire as roupas! Hein? Ha alguma moça ahi? Venham commigo dois homens para verificar si falta alguem. As luzes do apparelho ainda estão trabalhando?

— Não, queimaram-se, parece.

— Hein! Onde vaes? Fica aqui. Póde dar-se um curto circuito de repente. Fiquem quietos, por Deus! Oh! que horrivel! O meu braço, quebrado! Que horas são?

— 11,35.

— Como sabe?

— Eu tenho um relogio luminoso.

— Então aproveita a luz para illuminar a tragedia! Idiota!

Succedeu-se uma pausa ao mimoso epitheto ouvido pelo dono do relogio. O seu autor era uma autora, dona de uma suave voz, mas cheia de odio, de indignação. Mas o dono do relogio pareceu despertar:

— Quem chamou idiota? Custou-me cincoenta libras, e...

— Calem-se, idiotas! Vamos contar-nos. Saberemos assim quantos somos. Cada um diz um numero. Vamos. Eu começo:

— Um...

— Dois...

— Tres...

— Quatro...

— Cinco...

— Seis...

— Seis...

— Hein! Quem disse seis?

— Eu...

— Eu...

— Um de vocês é sete. Vamos adeante:

— Oito...

— Nove...

— Dez...

Foi até quatorze a conta. Parou.

— Alguem deixou de contar?

Ninguem respondeu.

— Quatorze! Somos ou eramos quatorze? Responda, piloto!

Silencio.

— Piloto, quantos eramos?...

Responda!

— Estou aqui — respondeu uma voz. Sou o segundo piloto. O primeiro parece que desappareceu.

— Hein! Charlie!

Silencio. Nenhuma resposta.

— Que diabo lhe aconteceu? Eramos quinze, contando commigo, Charlie e o homem que chegou atrazado. Outra voz perguntou:

— Quem póde caminhar ahi?...

— Eu não posso nem mover o braço...

(Continúa no proximo numero)

Dr. Antonio Austregesilo.

Dr. Miguel Couto.

Dr. Aloysio de Castro.

Dr. Fernando Terra.

Dr. Werneck Machado.

A affirmação valiosa de cinco eminentes professores da medicina brasileira basta para consagrar o triumpho de

MAGIC

o excellente preparado pharmaceutico que supprime a transpiração das axilas evitando assim que se estraguem os vestidos e fazendo desapparecer como por encanto, o mau cheiro caracteristico do suor.

Maravilhoso preparado pharmaceutico que, sem prejudicar a saúde, secca o suor das axillas, tira o seu natural máo cheiro, supprime o uso dos antigos suadores, evita que os vestidos, ternos e roupas finas se estraguem e rasguem com o suor. Ninguem mais apparece fazendo a impressão de não ser pessôa asseiada. MAGIC é economico: um vidro dura seis mezes. — Vende-se nas pharmacias e perfumarias. — Pedidos e prospectos, a Araújo Freitas & Cia. — Rua dos Ourives n. 88 — Rio. Preço 7$000, pelo correio mais 2$000.

«ACQUA SIMPLEX»

Entre um homem e uma mulher que viviam em uma cabana perdida entre vinhas e bosques nunca existira accôrdo. Toda vez que se viam frente a frente, rebentava a guerra.

A mulher, terrivel e furiosa, tratava seu marido de glutão, parasita e bebado. Até aqui a coisa se reduz a palavras, mas o marido sempre respondia com factos, ou seja com uma série de pançadas... Diariamente havia uma batalha naquella casa.

Como é facil comprehender, a esposa foi a primeira a se cansar de uma vida tão desastrosa, mas, em homenagem ao refrão: *cabeça de mulher, cabeça de diabo*, não pedia perdão, não demonstrava desejos de pôr termo a semelhante existencia. Não obstante, chegou uma vez em que se decidiu consultar um medicastro da cidade cujos prodigiosos remedios empyricos o haviam feito celebre em mais de cincoenta aldeias. Os medicos e pharmaceuticos da cidade conheciam-no perfeitamente e, sem duvida porque não matára um só de seus enfermos, asseguravam que elle não era um homem capaz, emquanto que, pelo contrario, entre certas mulheres, era considerado como um prodigioso genio e gozava fama de thaumaturgo.

Elle, realmente, dava mais conselhos que remedios: procurae hoje um medico capaz de fazer outro tanto!

Emquanto uma grande quantidade de medicos e cirurgiões diplomados, como succede frequentemente ainda hoje, vive inteiramente sem clientes, esse recebia, todos os dias, a visita de novos enfermos aos quaes chegára o éco de sua prodigiosa magia, e que elle recebia com um sorriso malicioso, tratando a todos de *tú* — um *tú* confidencial e paterno que era uma base mais para garantir seu prestigio, expandido em calidas ondas de confiança e segurança.

Um dia de feira, a mulher, cansada de discutir com seu deshumano companheiro, e mais cansada ainda de ser insultada e maltratada, foi visitar o milagroso medico.

— Bom dia, doutor.

— Bom dia, bôa mulher.

— Preciso do auxilio de sua sabedoria. Sou muito desgraçada.

— Senta-te e conta: que te occorre?

— Não posso mais, doutor, viver com meu marido. Elle insulta-me e bate-me diariamente...

— Sim, sim... entendo... Alguma vez passa... mas diariamente...

— Sempre... diariamente... toda vez me vê, bofetada... Não posso continuar nesse inferno. Veja, doutor. Meu corpo está cheio de echymoses... Causa pena vêl-o... Ah, que bôa obra faria o senhor si...

— Sim, sim... Comprehendo o que se passa...

— Disseram-me, doutor, que o senhor é capaz de encontrar um remedio...

— Sim, sim... Tudo arranjarei. Espere-me apenas cinco minutos...

— Oh, meu Deus, como sou desgraçada!... — exclamava a mulher, fazendo esforços sobrehumanos para prorromper em pranto e excitar a sensibilidade do medico.

Mas este sorria, emquanto afastando-se, ia repetindo:

De Marcelo Marc

— Sim, sim, comprehendo... Comprehendo como estão as coisas...

Desappareceu por um instante e voltou com uma garrafa cheia de uma agua limpida. Na garrafa se lia, com caractéres bem claros: "Acqua simplex."

— Toma, bôa mulher. Eu não costumo dar remedios, porque arruinam o estomago. Mas esse é necessario.

— E como poderei administral-o aquelle selvagem?

— De modo algum. Este remedio não é para elle, mas para ti. Será prodigiosamente efficaz tambem para teu marido e o fará mais docil que um conselho. Convém, sobretudo, que não derrames uma gotta do remedio. Comprehendeste?

— Perfeitamente, doutor.

— E, agora, escuta-me bem: levarás para tua casa esta garrafa, e depois de encheres com seu conteúdo um frasquinho que deverás trazer sempre no bolso, a esconderás em logar seguro.

— Sim, senhor.

— Toda vez que teu marido entre na cozinha e se aproxime de ti, tú, sem que elle o veja, encherás a bocca com esta agua. Mas procura, e repara bem no que te digo, procura não engulir nem uma só gôtta da agua. E a conservarás assim em tua bôcca todo o tempo que teu marido estiver a teu lado.

— Sim, senhor.

— E assim verás como elle voltará a querer-te como te queria antes de casar comtigo, e nunca mais levantará a mão para ti.

Feliz como um passarinho ao qual um golpe de vento abre, de repente, a porta da gaiola, assim a mulher regressou á cabana perdida entre vinhas e bosques, para seguir fielmente as prescripções do sabio doutor.

Chegada a noite, o marido entrou na cozinha, onde a mulher estava preparando o jantar, e ella, sem perder tempo, tirou a garrafinha do bolso e, com a maior habilidade, encheu a bôcca com aquella agua milagrosa.

O marido ficou pasmo ao ver que sua esposa não falava.

— Isto — pensou — é muito bom, e tal mutismo não póde durar.

E, não obstante, durava. E durou tanto como o remedio e ainda mais.

E tambem a esposa estava radiante pela prodigiosa cura, tão rapida e efficaz.

— Como está mudado! — pensava observando o marido, que, não recebendo a costumada saraivada de desatôres, não se via no caso de castigal-a.

A agua milagrosa havia curado a mulher, mas não produzia, certamente, muitos beneficios aquelle profundo conhecedor das mulheres, e que soubéra conquistar fama de thaumaturgo proporcionando a seus crédulos clientes aquelle mesmo remedio encerrado em outras garrafas, nas quaes se liam, com letra magnifica, as duas palavras latinas.

AS TARTUFADAS DA VIDA

Meus amigos: Vocês, que me vêem contente,
hão de pensar, talvez, que eu seja o mais romantico
de todos os mortaes;
pois, francamente,
si, na Vida, o sorriso é o suavissimo cantico
de alegria dos que são sentimentaes,
ninguem, de certo,
me poderá tomar ou ver
como um espirito deserto
da emotivissima alegria de viver...:

PHILOSOPHIA:

Meus amigos, vocês tomem nota e... julgo:
o pranto é uma sentença e o riso é uma ballela;
mas, peçam, sempre, a Deus que os livre de verter
as lagrimas que veem occultas no sorriso,
que a maior desventura é, justamente, aquella
que costuma surgir em fórma de prazer...

JAYME DE SANT'IAGO

Do caminho

EM pleno caminho se levanta, como um hospitaleiro albergue, a taberna de trabalhadores e caminhantes. O auto se deteve e nós descemos para matar a sêde: o licor crystalino humedeceu as gargantas sedentas. No fundo da taberna mal illuminada, dois homens rudes, callejados no trabalho grosseiro e pesado devoravam seu pão, extrahindo do mesmo recipiente, fraternalmente, a frugal alimentação. Molhámos seu pão duro com a alegria borbulhante do licôr de nossos copos, que por um momento, nos irmanou a elles. Cordialmente, agradeceram o obsequio aquelles dois robustos operarios queimados pelo sol, e ergueram os copos á nossa saúde, para continuar devorando, irmanados no jantar, como já o eram na luta diaria, seu pão duro e seu alimento escasso.

Aquella noite, á luz de uma lampada de carbureto, emquanto eu observava a face bondosa daquelles trabalhadores de mãos callosas e almas simples, cheias de renuncias, comprehendi melhor a Gorki e cheguei á cidade com a visão dolorosa da steppe deante de meus olhos.

JOSÉ NUCETE-SARDI

— Emfim, escuto passos!...

Os novos e encantadores modelos de sapatos finissimos para soirée e passeio, que a Esquisita acaba de lançar, constituem sem duvida a nota chic do presente inverno carioca.

A conhecida e elegante sapataria da Rua Gonçalves Dias está expondo tambem uma serie de mimosos sapatinhos com saltos mexicanos e de 4 cm., que pela originalidade das suas linhas e modicidade de preços são um verdadeiro successo !

A Esquisita

Rua Gonçalves Dias, 62

Telep. 2-1387

As maiores novidades em calçados feitos a mão para senhoras, meninas e crianças, por preços os mais accessiveis.

O QUE SE DEVE SABER

OS POVOS MYSTERIOSOS

Existem no centro do continente africano numerosos povos estranhos e ainda mysteriosos por sua origem não conhecida, sua physionomia, seus costumes, que, apesar de quantas extravagancias revelam, não deixam de offerecer certos indices de civilização. Um delles, são os "Momboutus", cuja raça originaria se desconhece. Vivem em pleno coração africano, ás margens do rio Oulié na floresta tropical que, segundo Schweinfurths, seu primeiro explorador, é um verdadeiro paraiso terrestre. São os menos negros das diversas tribus que os rodeiam, e não poucos têem a pelle quasi branca e os cabellos louros e ondulados. Vestem-se com extrema simplicidade, trazendo presos a uma especie de cinturão de couro largas tiras pendentes. As mulheres usam um simples pedaço de panno e em algumas tribus a roupa é desconhecida.

Fazem o mesmo que certas tribus do Amazonas que substituem o vestuario por ornamentos pintados na pelle: linhas geometricas, estrellas, arabescos, etc., pinturas que renovam com muita frequencia. Arranjam os cabellos em tranças pequeninas, convergentes de uma especie de coque sobre o alto da cabeça, o qual chega a alcançar cincoenta centimetros de altura.

Eram, primitivamente, canibaes e comiam os inimigos vencidos. Agora, porém, mais moderado o habito, alternam seus alimentos com carne de antilope, de elephante e de volateis. Os mortos na guerra são levados como provisão ao passo que os prisioneiros são obrigados a servir, como bestas de carga, emquanto bem o entendam.

Nenhuma familia de momboutus prescinde do seu aprovisionamento de carne humana; mas, apesar do que ha de barbaro em tal costume, elles não possuem as demais particularidades de ferocidade observadas em outras tribus.

O seu primeiro explorador os achou organizados em um verdadeiro imperio, cujo monarcha, nos habitos e formalidades hieraticas, recordava os velhos pharaós.

As villas são formadas de pequenas casas de palha, rodeadas de jardins, em que florescem diversidades floraes, como a gardenia, de que as mulheres extrahem uma tintura, orchidéas, e mil outras flores. Fabricam excellentes canôas; usam adornos de placas de cobre muito bem trabalhados e dão-se a cerimonias pomposas, com cortejos bem organizados e bailes. O governo da casa depende sempre das decisões das mulheres, que gozam de prerogativas não communs entre outras tribus.

Por suas caracteristicas e inclinações, e porque vae perdendo seus habitos anthropofagos, esta raça facilmente será adaptada á civilização.

— Agora sim, estou convencido de que a publicidade dá resultados.
— E por que o affirmas?
— Ora, homem, publiquei num jornal um annuncio procurando um guarda para a noite, e, esta noite, a minha casa commercial foi assaltada!

Você quer que os seus vestidos
Appareçam sempre bem?
Quando fôr comprar tecidos
Veja se foram tingidos
Com corantes Indanthren.

E antes que o moço lhe venda
A fazenda desejada,
— A sabia lição aprenda —
Verifique na fazenda
A etiqueta registrada.

As côres dos tecidos tintos com corantes Indanthren não desbotam; resistem, de modo insuperado, ás influencias do sol, da chuva e ás repetidas lavagens.

REALISA-SE nesta capital, de 11 a 18 de Junho proximo, um concurso de vitrines entre os nossos principaes estabelecimentos de Modas e Fazendas.

E' condição essencial do Concurso a exposição exclusiva, nas vitrines, de artigos em obra, fazendas e fios tintos com corantes *Indanthren* e marcados com a respectiva etiqueta.

Os premios serão conferidos ás vitrines que apresentarem mais interessante disposição, artistica ou humoristica, a criterio da Commissão Julgadora.

A Commissão Julgadora será constituida por um artista pintor um jornalista, um commerciante, um technico de publicidade e uma modista, cujos nomes publicaremos no proximo numero.

Os premios serão os seguintes:

1.os PREMIOS

a) *Para Vitrines Artisticas*
Uma pagina de annuncio no texto de "Fon-Fon" no valor de Rs. 800$000.

b) *Para Vitrines Humoristicas*
idem idem

2.os PREMIOS

a) *Para Vitrines Artisticas*
Uma pagina de annuncio em "Fon-Fon" (papel couché) no valor de Rs. 500$000.

b) *Para Vitrines Humoristicas*
idem idem

3.os PREMIOS

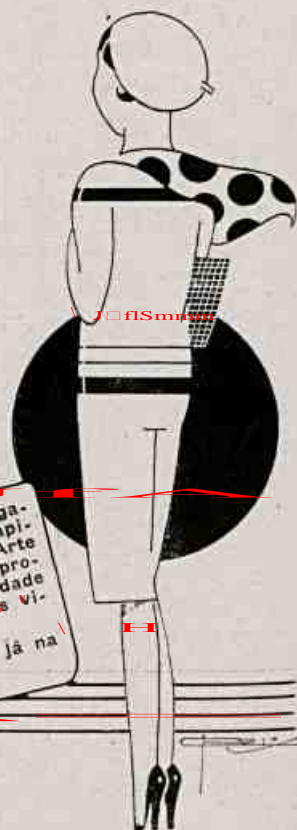
a) *Para Vitrines Artisticas*
Uma pagina de annuncio em "Fon-Fon" (papel assetinado) no valor de 400$000.

b) *Para Vitrines Humoristicas*
idem idem.

A mesma casa pode tomar parte nas duas formas do concurso, artistico e humoristico.

ANNO XXVI

FON-FON

NUMERO 22

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 28 de Maio de 1932

O FASCINIO DA ILLUSÃO

MAETERLINCK, mestre de consolo e optimismo, ensina que é preferivel a realidade com todas as suas facetas crueis, á illusão com o seu cortejo de erros e mentiras.

Eu, ás vezes, descreio das lições desse mestre da vida.

A illusão dá-nos o prazer de suppôr que o mundo não é mau e que os homens nem sempre são ruins. E' um erro, de certo, julgal-os desse modo. Erro maior, porém, é ensinar ao contrario, e mostrar, com sophismas, que a desillusão — de par com as suas verdades flagrantes — é preferivel á illusão.

Desfeita esta, não é só um sonho, uma aspiração, um engano que se desfaz. E' tambem uma alma que se envenena, é uma vida que se amargura, é um espirito que mergulha no fel do scepticismo e da descrença.

* * *

E é por isso que si alguem me censura porque me revelo scéptico, justamente quando me devia mostrar optimista, e vêr as coisas pelo seu lado côr de rosa, respondo sempre que o meu scepticismo invencivel é o reflexo do mal ou dos males que me causaram.

Sim. As illusões têm algo de semelhantes aos telões de theatro.

O que se vê da platéa é indiscutivelmente magnifico. Si é um jardim, este apparece com as suas estatuas, as suas rosas, os seus canteiros, as suas alamedas vestidas de areia fulva e brilhante.

Nesse jardim ha sempre um repuxo, ou uma piscina, onde o luar adormece, entre o conchego das victorias-régias, e um par de cysnes boia e sonha, como no formoso soneto de Julio Salusse... E ha uma garça... Uma cegonha... Dois ou tres gnomos...

Si o telão nos mostra outro motivo qualquer, que o scenario exige — um bosque, um monte, um castello, uma estrada ou uma praia poetica — tudo é tão lindo, que a gente suppõe ser a realidade, na sua fórma de belleza mais pura, que se estende deante do nosso olhar...

Perto do telão, tudo se desmorona: são pinceladas grosseiras, irregulares, quasi atiradas a esmo, com empastamentos de tinta, as erosões do panno bem visiveis, e tudo, emfim, que conduz a imaginação á crueza da realidade flagrante...

Mas por que não ficar longe, sempre longe do telão scenographico?

* * *

... Dahi por deante, nunca mais a nossa imaginação decepcionada se compraz em acceitar as bellezas que a illusão nos desvendava. E, pouco a pouco, a nossa alma se vae deixando dominar pelo scepticismo invasor. Porque estamos certos de que a verdade não é a que se vê, de longe, no telão: é a que se nos patenteia de perto: — as pinceladas, o empastamento da tinta, as erosões do panno grosso e áspero.

* * *

E é assim em tudo. Em tudo que se vê e admitte, através da illusão. No amor, na vida, na arte...

* * *

No amor, só se é feliz emquanto se pensa que o sorriso mais doce, como o beijo dos labios adorados, não é fingido. Na vida, tudo se transfigura aos nossos olhos, quando percebemos que a justiça não é céga... E, na arte...

Ah, na arte!... Mas, que digo eu? Afinal, só a arte é a illusão que não morre. Um marmore de Praxiteles, uma tela de Rubens, um trecho de Beethoven nos hão de dar sempre uma impressão de belleza immorredoura.

Mas, é para realizál-a que mais nos enchemos de illusões, de desillusões e scepticismo...

BASTOS PORTELA

A Exposição colonial deslumbrava, maravilhosamente iluminada naquela noite festiva. Os zimborios rendilhados da formidável reprodução do Templo de Angkor-Vat, que Pierre Loti cantou num livro cerebre, dominavam as longas escadarias e as balaustradas de nagas retorcidas, sob os fócos elétricos multicôres. Ondas de luz banhavam as cubatas e aringas da África, as arquiteturas exóticas das Indias Holandesas, do Anam, do Tonquin e da Conchinchina. Os lampadarios modernos, trilobados, quadriculados, alongados, clareavam as curvas aléas do velho bosque de Vincennes, regorgitando com a multidão curiosa e apressada. Passavam ao clarão das luminarias automoveis e cáfilas de camelos, os albornozes dos sipais marroquinos e as bombachas dos zuavos, os negros do Senegal e de Obock, os amarelos de todas as procedencias, a gente elegante de Paris e a gente deselegante das provincias, estrangeiros falando todas as linguas, turbantes, barretes de Fez, mundaçós de Pondichery e os esguios capacetes dourados das dansarinas do Camboja.

Todas as raças. Todos os tipos. Todos os idiomas. Um carnaval e uma Babel. E, nas aguas tranquilas do lago Daumesnil aprofundavam-se as colunas luminosas e policromicas de toda aquela profusa e fantastica iluminação.

Ao brouhaha do povileu casava-se o som áspero dos altos falantes. Aqui, ali estrugia um batuque de negros. A's vezes, havia pequeno silencio e nele caiam como gotas duma chuva preguigosa as notas repetidas dum instrumento de cordas oriental. Era tarde já, mas a Exposição se mostrava em toda a sua brilhante e bizarra vida noturna. Barquinhos cheios de gente alegre percorriam a superficie lustrosa do lago, sob o chuveiro de ouro dos fogos de artificio. Eu e o meu amigo Roberto Guillon, natural do Luxemburgo, caminhavamos admirando o panorama esplendido da cidade colonial. Estavamos um tanto fatigados e por isso propús:

— Vamos cear ao Alhambra?

— Não, recusou ele. Prefiro ir embora. Este ambiente me enerva.

Notei certa irritação na sua resposta. Tomei-lhe do braço e disse:

— Ha qualquer cousa aqui que te crispa os nervos. Não gostas da Exposição?

— Não é a Exposição que detesto, tornou. E' o local onde a construiram. Sobretudo este lago...

— Por que?

Sentámo-nos no terraço de pequeno café turco. Pedimos cognac e charutos. O meu amigo respondeu-me:

— Neste lago, passei alguns dos mais deliciosos dias da minha vida, quando este bosque fóra de portas era um lugar tranquilo e discreto. Doi-me vê-lo assim profanado. Eu e Suzy vinhamos pela manhã no Metro até á porta de Vincennes, tomavamos o bondinho de Saint Mandé, saltavamos a meio caminho do Etang e almoçavamos num restaurante modesto que havia numa das ilhas do lago. O criado servia-nos ostras portuguesas, ovos, um bife e vinho de Anjou sob os castanheiros. A's vezes, uma folha séca caia nos nossos pratos e riamos como duas crianças. Depois, tomavamos um barquinho e passavamos horas a deslisar pelas aguas silenciosas entre os cisnes brancos...

Afundou-se algum tempo na evocação interior do passado. Respeitei a sua saudade. Depois, perguntei:

— Quem era Suzy? Nunca me falaste dela.

Ele continuou, lentamente:

— Foi a mulher mais encantadora que conheci e de quem nunca mais tive noticias. Ha uns oito anos, ao tomar um bonde no square Montholon, dei com ela sentada num dos banquinhos do centro. Era linda. Muito loura. Os olhos muito azúes. Discretamente vestida com refinada elegancia. Fim do outono. O veiculo estava todo fechado e o seu perfume sutil enchia o compartimento em que nos achavamos. Olhamo-nos varias vezes e senti que lhe não era desagradavel. Desceu na rua François Ier e segui-a. Ao tocar a campainha duma modista, abordei-a. Respondeu-me em francês com ligeiro acento estrangeiro. Aceitou jantar no Poccardi e ficámos amigos. Dentro de tres dias, éramos mais do que isso e eu estava apaixonado por ela. Nada lhe faltava: beleza, inteligência, cultura, meiguice, coqueteria, volutuosidade, tinha tudo o que faz um homem tornar-se escravo duma mulher pelos sentidos e pelo espirito. Alem disso, o mistério. Eu sabia que se chamava Suzy e mais nada. Não consegui nunca que me dissesse quem era, onde vivia, de onde tinha vindo. Era ela que me telefonava ou me mandava um pneumatico, marcando os encontros. E, quando nos separavamos, tomava um taxi e partia.

Uma noite, deixei-a em frente á Camara dos Deputados. Ela entrou num auto e eu a segui noutro, incontinenti. Vi-a descer no Hotel Regina, empurrar a porta de vidro e entrar. Foi a derradeira vez que estivemos juntos. Nunca mais me telefonou nem me escreveu. Esperei cinco dias, fui ao hotel, gratifiquei o porteiro e pedi informações, dando os seus sinais. O latagão deu uma risada e replicou-me:

— Ela é inglesa e dá aqui o nome de Suzy Patch. Nada mais. Todos os anos aparece com a queda das folhas, toma os melhores aposentos e sempre, depois que parte, vem um moço de bela estampa, assim como o senhor, pedir noticias dela...

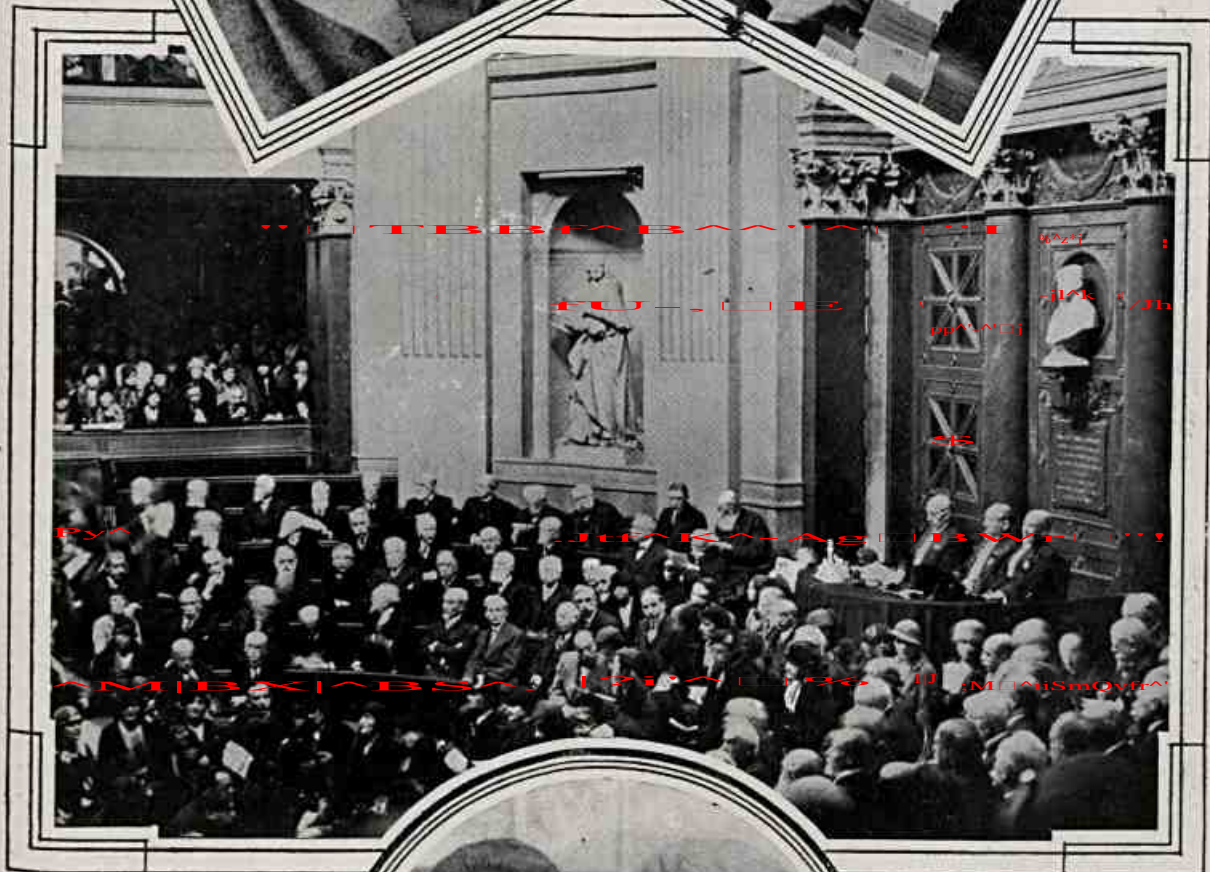
Eu fiquei mudo e tremulo, olhando o homem. Ele prosseguiu, com ironia:

— Creio que é pessoa da alta

(C. na pag. 24)

"FON-FON" EM PARIS

(Photos do Serviço Especial de FON-FON em Paris).

A' esquerda: o escriptor francez Jean Fayant, que, com o seu romance «Mal d'amour», conquistou o famoso premio Goncourt para 1932. A' direita: o romancista Philippe Heriat, autor do livro «L'innocent», com o qual obteve, este anno, o premio «Théophraste - Renaudot», que, depois do premio Goncourt, é a mais importante recompensa literaria da França.

Ao centro: flagrante da sessão da Academia de Bellas Artes, realizada no Instituto de França, durante a qual foi representada «L'ensorceleuse», drama lyrico de Jacques Dupont, que conquistou, este anno, o Grande Prêmio de Roma. No medalhão: o esculptor brasileiro José Pereira Barreto Netto, prêmio de viagem do governo do Estado de São Paulo, em seu «atélier» de Montparnasse, ao lado do busto da artista Ophelia do Nascimento, que vem de terminar.

LA PETITE SAISON D'AMOUR...

(Conclusão)

rida inglesa pelas roupas, pelas jóias, pelo trem de vida que leva. Naturalmente, casada com algum velho *lord*, vem a Paris *faire sa petite saison d'amour*...

Soltei uma risada, como o porteiro. O meu amigo levantou-se bruscamente e falou:

— Vamos embora! Não imaginas como este lugar me aviva a saudade. Não avalias quanto a lembrança dessa mulher me tem feito soffrer...

— Procura-a no *Regina*, aconselhei.

E ele, com desalento:

— Tenho voltado a Paris todos os annos e a tenho procurado. Ella nunca mais veiu. E o diabo, meu amigo, é que o porteiro me repete que ha outro que tambem pede todos os invernos noticias della...

ELEGIA PARA HERMES FONTES

ABGAR RENAULT

PAULO WERNECK, ILLUST.

Amigo,
todo o meu pensamento está comtigo
nesta hora indizivel desta noite sem adjectivo, sem estrellas,
[sem luar,
e quer falar-te como nunca te falou...
O que fizeste da tua vida!
E o que fizeste do coração de quantos te quizeram bem!
Tu, que eras triste e compassivo,
como foste tragico e perverso no teu Natal derradeiro!

Penso agora nos tres dramaticos milagres da tua vida:
conteres no teu vulto quasi anão
aquelle vasto, aquelle immenso coração...
seres surdo, sentindo rolar nos teus ouvidos moucos
as ondas longinquas de todas as musicas da terra...
e teres nascido poeta num seculo mais que estupido,
governado por homens nédios que manipulam capitaes e
[calculam juros,
e cheio de tantas mulheres ôcas, que valem menos que os
[vestidos que carregam...

Penso nas tres tragedias lancinantes que te arrazaram:
a tua infancia orphan e abandonada ao — Deus-dará;
a tua luta de cada hora para ganhar um pão ingrato,
que devia amargar na tua bocca mais que tudo...
a tua luta comtigo mesmo para poder lutar...
o teu amôr irrealizado... o teu amôr incomprehendido
por todas as mulheres que cruzaram teu caminho desolado,
e riscaram o crystal da tua alma limpida e profunda...
Penso em tudo isto e vejo que o teu destino foi o redemoinho
dos ventos desatinados de tres destinos de fracassos:
o que soffreste sozinho daria para encher e desgraçar
tres destinos differentes!
Entretanto... a gloria te sorriu... sorriu...
(Ah! como devias ter amargado a tua gloria núa — núa de
[amôr e de ventura!)

Um dia, tudo te cansou — a gloria triste, a luta inutil, o
[soffrimento igual...
E tentaste a evasão sem dimensões e sem limites,
assassinando á bala tres destinos incuraveis.
Assassinaste mesmo?
Quem sabe lá o que fizeste?
Quem sabe lá onde é que estás com os teus destinos?
Quem poderá dizer que na tua fuga não correste,
cego de outra luz, tonto de eternidade,
para uma outra prisão, mais fechada, mais sem solução
[ainda?...
Seja lá como fôr, si ainda existes,
e si lá onde estás ainda tens
lembranças, gostos e impressões daqui,
os teus olhos, mais penetrantes do que nunca,
lerão em meu coração como num livro aberto,
como num livro de gravuras innocentes e legendas simples,
e has de vêr o bem que eu te quiz,
e sentirás como é soffrido
o inutil desconsolo deste pesar,
e verás como eu te perdôo,
como todos os poetas moços do Brasil te perdôam
o mal que lhes fizeste, sem querer,
matando-te numa noite de Natal,
numa hora que ninguem soube,
sem cartas explicativas, sem attitudes, sem literatura,
com aquella crueldade fria, heroica, definitiva...

A festa das novas enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira realizou-se sexta-feira penultima, na séde social daquella instituição, onde, ás 15 horas do dia 20 do corrente, a exma. sra. Getulio Vargas, esposa do chefe do governo provisorio, fez entrega dos diplomas e braçaes ás jovens que acabam de entregar-se á meritoria profissão de servir os doentes. Antes, porém, dessa tocante cerimonia, de que offerecemos, aqui, dois flagrantes nas photographias de baixo, as novas enfermeiras mandaram celebrar uma missa em acção de graças pela conclusão de seu curso, tendo pregado ao evangelho sobre o papel da enfermeira na pratica da caridade christã o illustre vigario da parochia do Engenho Velho, monsenhor Mac Dowell. A photographia do alto foi tomada por occasião da missa, que se celebrou na matriz de Sant'Anna.

A classe medica do Rio de Janeiro acaba de festejar, de maneira expressiva, o jubileu profissional de seu illustre collega dr. José de Mendonça, o grande mestre da cirurgia brasileira que durante cincoenta annos se notabilizou, entre nós, pelo seu saber e pela pericia de seu bisturi. Quinta-feira penultima, 19 do corrente, as nossas mais importantes sociedades medicas reuniram-se, no salão nobre da Academia Nacional de Medicina, para commemorar as bôdas de ouro do dr. José de Mendonça com a sciencia, tendo varios oradores enaltecido a figura insigne do eminente operador. Sabbado passado, no Palace Hotel, realizou-se, sob os auspicios do Syndicato Medico Brasileiro, um almoço de confraternização da classe medica, em homenagem ao dr. José de Mendonça.

O dr. José de Mendonça, o eminente cirurgião patricio a quem a classe medica brasileira acaba de prestar as mais justas e expressivas homenagens, por motivo do cincoentenario de sua exemplar vida profissional, esteve, durante a Quinzena Medica, em visita ao serviço do dr. Jayme Poggi. A nossa gravura reproduz um aspecto dessa visita, na qual se vêem os drs. José de Mendonça, Jayme Poggi, Mario da Fonseca, chefe de serviço, Amarillo Sucena, Arandy Miranda, Murilo Fontes, assistentes, e outras pessoas gradas.

Retribuindo as homenagens recebidas pelo seu illustre esposo, dr. José de Mendonça, de todas as academias e institutos medicos do Brasil, por motivo de seu jubileu profissional, a senhora José de Mendonça offereceu, sexta-feira penultima, no seu palacete de Santa Thereza, uma elegante recepção ás familias dos medicos e homens de sciencia vindos de todos os Estados para tomar parte naquellas festas jubilares. Foi uma recepção brilhante, a que estiveram presentes, além dos delegados das instituições scientificas e suas familias, figuras de grande destaque na sociedade carioca, sendo, todos, recebidos com inexcediveis gentilezas pelo casal José de Mendonça.

AS «ENQUÊTES» DE «FON-FON» NA EUROPA

COOPERAÇÃO INTELLECTUAL

QUANDO se fala, no Brasil, em Instituto de Cooperação Intellectual, todo mundo tem a idéa de uma "grossa cavação", arranjada por alguns cavalheiros, afim de gozarem, faustosamente, os ordenados de seus governos em Paris. Assim têm sido, não só no Brasil, mas ainda em vários paizes da America Latina onde, não raras vezes, se vêm ataques aos seus delegados, ao proprio Instituto e até á Sociedade das Nações. E, no emtanto, nada mais injusto. A meu ver, nenhuma organização, talvez nem mesmo a S. D. N. tem sido tão util á união dos povos como o Instituto de Cooperação Intellectual, cuja acção se tem irradiado de uma maneira efficaz, e á custa de árduos trabalhos, em todo o mundo quasi. E' claro que a America Latina, longe do seu centro de actividade, não poderá ter uma noção exacta do seu esforço, si cada Ministerio do Exterior, de quem depende cada delegado junto do Instituto, não trouxer a publico as suggestões e as communicações que elles lhe fazem em nome do Instituto. Esse é o grande mal. A burocracia de cada Ministerio da America Latina exige-se somente tomar conhecimento das communicações, sem trazêl-as a publico. D'ahi a noção injusta que tem cada povo, da nullidade perfeita de seus delegados e do proprio Instituto, quando em realidade elles realizam um esforço admiravel através de uma labuta ardua, e dignos de todos os encomios.

Installado no Palais Royal, em pleno coração de Paris, o Instituto de Cooperação Intellectual, dom do governo Francez á S. D. N., vem trabalhando, há quasi 7 annos, para desenvolver a collaboração entre os povos, nos diversos dominios do espirito. E muito tem conseguido, graças á continuidade de seus esforços e de sua direcção. Seria injusto não reconhecer que a sua direcção, que conta com homens como Paul Painlevé, scientista, considerado um dos maiores estadistas hodiernos; o professor Gilbert Murray, o primeiro presidente do Conselho de Administração e o segundo de execução; com membros como Einstein, Mme. Curie etc.; com um director como Henri Bonnet, uma das figuras mais notaveis de especialista em questões internacionaes, com uma reputação mundial, adquirida nas commissões desempenhadas com successo, em nome da S. D. N., na China, Japão, Canadá, Europa Central etc., espirito de élite, fortalecido pela rara experiencia que adquiriu no estudo e observação directa de vários paizes — seria injusto, repito, não reconhecer nessa direcção, um esforço hercúleo e um trabalho insano para, através da intellectualidade, estabelecer definitivamente o regimen internacional da paz, pela communhão espiritual de todos os povos. No dominio das letras e das artes, a actividade do Instituto é orientada por uma commissão, onde figuram nomes como Thomaz Mann, Paul Valery e Jhon Masefield, que dispensam qualquer referencia aos seus valores.

Deante de todos esses nomes, não podemos deixar de reconhecer a efficiencia de uma organização, que, para melhor trabalhar, tem, junto a si, um delegado de cada paiz, o que demonstra claramente o interesse derpertado em cada governo pela aproximação espiritual dos povos.

O Brasil, como todos os paizes latinos, tem o seu delegado, o sr. Elyseu Montarroyos. Mas, no Brasil, tudo é pessimismo e os valores aquilatam-se sempre pelos "pistolões" que tem, em matéria de delegação, ou pela "paneilinha" que se organiza nos jornaes, em literatura; e o homem, conscio do seu valor e de sua utilidade, que realiza o "phenomeno" de se fazer por si, como Montarroyos, é sempre victiva da inveja e do "galardão" carnavalesco que caracteriza o nosso eterno descontente. Varias vezes tenho lido jornaes do Brasil com ataques a esse homem — ataques que me revoltam pelas suas profundas injustiças. Uma capacidade e cultura solida, alliadas a uma actividade enorme e a um patriotismo são, têm feito, do trabalho desse nosso delegado no Instituto de Cooperação Intellectual, qualquer coisa util e marcavel para o Brasil, que, graças a elle, desfructa de um real prestigio no seio do Instituto. Não necessitamos entrar em uma analyse mais detida de seus trabalhos, mas basta assignalar que todos os nossos bons autores começam a apparecer em admiraveis traducções francezas, divulgadas pelo Instituto, o que nos dá um logar no conceito da critica e da literatura franceza e mundial. Só isso vale por 50 annos de diplomacia. E nenhum delegado sul-americano obteve tal favor para o seu paiz. Por que? Deixo aos agoureiros de toda a iniciativa util e grandiosa a resposta.

(O director geral) do Instituto de Cooperação Intellectual, ao lado do sr. Elyseu Montarroyos, delegado do Brasil (ambos sentados), e cercado pelos seus officiaes de gabinete.

(Photographia do serviço especial do FON-FON em Paris).

O objectivo geral do Instituto é estreitar e consolidar os liames existentes entre as nações e crear outros que as aproximem cada vez mais: tanto espirituaes, como economicos. A organização d'esse "commercio internacional dos espiritos", cuja importancia para a paz é primordial, só elle a concebeu scientificamente e a está elaborando com firmeza e continuidade, seguindo um programma systematico destinado a facilitar aos povos seu conhecimento reciproco, tanto é verdade que é na incomprehensão, no desconhecimento em que cada um se acha da mentalidade dos outros, na ignorancia da cultura que se encontra a origem de todos os conflictos. E' no intuito de que os povos europeus apreciem devidamente a cultura dos povos sul-americanos que o Instituto vem publicando a collecção de clássicos ibero-americanos, na qual figuram obras de brasileiros como a de Joaquim Felicio dos Santos, de um Nabuco, de um Machado de Assis, de um Aluizio Azevedo.

E' n'esse espirito de melhor comprehensão mutua e de auxilio aos governos como ás instituições privadas que o Instituto reúne os representantes qualificados das diversas disciplinas intellectuaes: bibliothecarios, para realizarem a obra de coordenação das grandes bibliothecas dos diversos paizes; directores do ensino superior, para resolverem os graves problemas universitarios cuja solução só pode ser obtida por methodos internacionaes; problemas como o da equivalencia dos estudos nos diversos paizes, os affluxos de estudantes estrangeiros nas universidades, a troca de professores, etc.; as associações de estudantes, para coordenarem as iniciativas entre ellas, organizarem viagens de estudos, promoverem trocas de estudantes entre os diversos paizes; publicando, annualmente, um "repertoire des cours de vacances" completo; publicando ainda no seu "Boletim" mensal, a nomenclatura dos cursos accessiveis aos americanos e europeus. No dominio scientifico, o Instituto esforça-se, sobre-

(Conclúe na pag. 41)

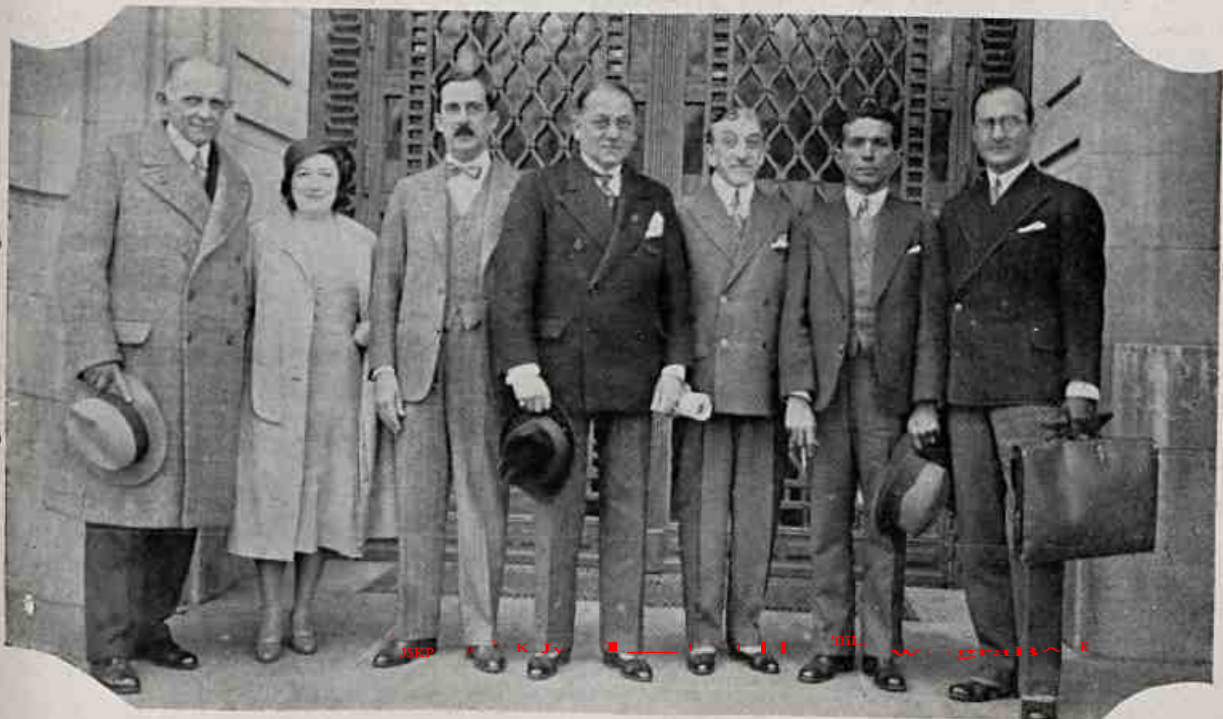
Um grupo de amigos do dr. Epitacio Pessôa, mandou celebrar segunda-feira ultima, na cathedral metropolitana, uma solemne missa em acção de graças pela passagem de mais um anniversario natalicio daquelle illustre brasileiro. Promoveu essa homenagem ao ex-presidente da Republica uma commissão composta dos drs. Alcibiades Delamare, Gustavo Barroso, Lafayette Rodrigues dos Santos e Affonso de Moraes.

XEQUE-MATE

O xadrez já serviu para salvar uma vida e dar uma corôa.

Mohamed IX, rei dos mouros de Espanha, usurpára o throno a seu irmão Yusuf, encarcerando-o em um castello. Quando estava para morrer, temendo que o irmão disputasse a corôa ao seu filho, mandou que cortassem a cabeça do soberano prisioneiro.

Ao chegar o enviado de Mohamed ao castello, Yusuf jogava uma partida de xadrez com o governador. Como ultima graça, pediu que lhe permittissem concluir o jogo. O mensageiro real accedeu. E, ao dar o prisioneiro xeque mate ao governador, chega apressado um cavalleiro, trazendo a nova da morte de Mohamed e da acclamação pelo povo do irmão desthronado.

Assim, Yusuf deu dois xeques-mates no vivo e no morto...

Os drs. J. C. Macedo Soares e Affonso Bandeira de Mello, delegados do Brasil á Conferencia Internacional do Trabalho, ladeados pela senhora Odette de Carvalho, consul Carvalho e Souza e srs. Oscar Duesdschön, Azevedo Santos e Edmundo Macedo Soares, em Genebra.

O HOMEM FELIZ...

— Escuta: falas-me tanto na tua paz, na tua paz interior, nessa serenidade espiritual e emotiva que dizes ser o rythmo e a essencia de toda felicidade... E eu não comprehendo, não cheguei ainda a comprehender como se poderá adquirir essa paz, essa serenidade sem sacrificar a essencia mesma da propria vida...

— Sem sacrificar a propria vida?

— Sim. Sem mutilal-a, ao menos, no que ella tem de mais profundo, porque responde a todos os impulsos e solicitações do seu sangue...

— Que? A que te queres referir?

— Ao amôr...

— O amôr?

— Sim: o amôr, que é a manifestação superior de todos os anseios do instincto e do coração e a força propulsora de toda vida que floresce sobre a terra...

— O amôr? Amôr...

— O amôr, sim. E então? Será que não sabes o que seja o amôr? Estás pallido e tens tremulas as mãos e a sombra de uma inquietação afflige tua retina distendida para longe, para muito longe de ti, meu pobre solitario...

— Não é, propriamente, a sombra de uma inquietação a que vela, neste momento, a luz dos meus olhos...

— Que é, então?...

— Despertaste-a. Fizeste-me recordar e soffrer...

— Despertei, o que? Fiz-te recordar a quem?

— Despertaste a minha saudade e, com ella, a recordação de alguem que foi toda a minha felicidade e todo o meu soffrimento...

— Mas, não és feliz, plenamente feliz? Ainda ha pouco não m'o dizias? Ainda ha pouco não me falavas com tanto enthusiasmo da paz e da serenidade de todo o teu ser? E não sorrias para mim, quando affirmavas que nessa paz e nessa serenidade firmaras o rythmo ordenado da tua felicidade, da unica felicidade existente no mundo porque era "harmonia interior"?

— Sim, e que eu suppunha obtida á custa de renuncia e de soffrimento, de resignação e de fé...

— Fé?... Fé em que?

— Na força de renuncia da minha vida como expressão de sentimento, de emoção, de amôr!

— Amôr! Amôr! Por que vieste de tão longe para me falar de amôr, para me fazeres recordar o que não quizera jamais recordar?

— Se corria mundo a tua palavra de paz e de consolação... Se te diziam um homem feliz, um semeador de felicidade?...

— Porque não sabiam que eu distillava na angustia do meu silencioso soffrimento a gotta de consolação que dava a sorver aos que me procuravam... Porque me julgavam feito dos meus proprios sonhos de felicidade e de amôr, quando eu era apenas o éco profundo e solitario de uma immensa dôr desconhecida... A realidade, vestida de sonho, de uma pobre vida sangrando soffrimento...

— Choras?

— Tem sido esta a minha unica consolação...

SAVIO

Zoraide Aranha, a pequena declamadora e cantora, primeira alumna de Nené Baroukel, e que tantos applausos tem colhido nos salões cariocas, dará, hoje, á tarde, no Studio Nicolas, um recital, cujo programma está dividido em tres partes de poesia e canto. A pequena Zoraide, que é uma bonequinha de cinco annos apenas, dirá versos dos nossos melhores poetas e interpretará varias canções, marchas, tangos e foxs dos nomes mais expressivos dos nossos meios artisticos e literarios. Os acompanhamentos ao violão e ao piano, na ultima parte do recital, serão feitos pelas senhoritas Ogarita Dell'Amico, Yedda Monteiro e Stesia Pessanha.

Grupo tomado na séde do Syndicato Medico Brasileiro, por occasião da solemnidade em que foi entregue áquella instituição o predio destinado á «Casa do Medico», doação da senhora Maria Felicia Torres, que satisfez, assim, a um desejo de seu saudoso filho dr. Luiz Felicio Torres. Estavam presentes ao acto, além da benemerita doadora, a directoria e varios associados do Syndicato Medico, que se se vêem na gravura.

A RESPOSTA DE ZOLA

Quando Emilio Zola compareceu ao tribunal, na revisão do processo Dreyfuss, para defender o official innocente já degredado na Ilha do Diabo, um dos juizes lhe disse estas palavras crueis:

— O réu já foi julgado!

O autor de *L'assommoir* sorriu piedosamente, e apontando-lhe a imagem de Christo crucificado que dominava a sala de julgamentos, respondeu calmo e triste:

— Aquelle réu tambem já foi julgado!

A resposta é magistral. A figura de Jesus é um ensinamento constante e doloroso para a humanidade. Todas as vezes que ella para a cruz levanta os olhos tem consolo e reparação. Porque ao Christo os homens preferiram Barrabás e porque nelle sacrificavam, como sempre, a innocencia.

Commemorando o dia do padroeiro dos advogados, a Sociedade Juridica Santo Ivo promoveu uma solennidade que se realizou quinta-feira da semana passada, no salão do Circulo Catholico, e durante a qual foi empossada a nova directoria daquella aggremiação de juristas catholicos. A presente gravura é um flagrante dessa festa, vendo-se á mesa da presidencia o conde de Affonso Celso, então proclamado presidente de honra da Sociedade Juridica Santo Ivo

A MODA NO INVERNO

CREAÇÕES JEAN PATOU

Robe tunique en jersey marine et blanc. Jupe en lainage léger marine.

No alto: Costume de chasse en gros lainage chiné. Feutre piqué marron.

Robe de jersey marron et beige. Panamá grège garni de gros grain marron.

Tailleur lainage noir et blanc.

Ensemble de voyage. Lainage deux tons de gris. Blouse crêpe blanc.

Ao lado: Ensemble blanc en lainage «nid d'abeilles». Blouse de tricot. Chapeau écharpe et ceinture rouge, bleu, blanc.

(Photos especiaes para FON-FON).

TREPAÇÕES

O galante Armandinho, filhinho do casal Armando Dias Maia-d. Marivonne Maia. Em sua casa, todos se submettem aos seus caprichos de garoto bonito: até os perús...

O dentista está bastante atrapalhado, para resolver satisfatoriamente o pedido da sua estimada cliente.

Justamente quando se dispunha a solicitar a intervenção de *madame*, para abreviar junto ao marido o pagamento dos serviços do mez, ella teve uma idéa maravilhosa, que deixou o cirurgião *grog*...

A conta era pequena, opinou *madame*, e ella necessitava de uns cobres para uns vestidos cobres que no momento não podia pedir ao esposo!

Vae dahi, a proposta de um negocio muito em segredo... O dentista passava-lhe o dinheiro de que ella precisava, augmentando na conta a importancia, para o marido nada perceber da tramóia.

Com esse genero de negocio o nosso amigo não estava habituado, e recusou participar do mesmo, tomado de médo.

Madame, porém, não se deu por vencida, e argumentou com vivacidade, procurando demonstrar ao dentista que se tratava de uma operação perfeitamente *honesta*, pois ella só assim podia tirar o dinheiro do marido. Este déra para ser miseravel, contando os nickeis para os alfinetes, etc...

Tinha-lhe passado aquella idéa pelo cerebro, dizia *madame*, e não via nada de extraordinario no caso, porque o que não devia, o que seria horrivel, ignobil, era arranjar dinheiro com estranhos, para... os alfinetes...

O nosso amigo, depois de muita reluctancia, pediu um prazo razoavel para meditar, afim de vêr o que era possivel fazer, pois *madame*, além de cliente antiga, é uma mulher capaz de virar a cabeça de um frade de pedra... Mas não encontrou uma solução na altura...

Augmentar a conta, isto nunca, porque, afinal, o marido de sua cliente acabaria não satisfazendo ao debito, e elle ficaria a vêr navios.

Parece que o melhor negocio seria o nosso amigo cobrir a differença, passando o dinheiro para os alfinetes de *madame*...

Ella, certamente, no primeiro instante, vae recusar o dinheiro, mas acabará concordando, pois se trata de uma transacção perfeitamente *honesta*... Dá cá, toma lá...

Um excellente negocio para o nosso amigo dentista.

Até nós entrariamos de socio, com o **maior** prazer...

QUANDO *madame* apparece no posto *chic* de Copacabana, para o seu banho matinal, e não encontra nas areias fulgidas da praia o rapaz moreno que tem o habito de esperál-a para dois dedos de prosa amavel, fica em lastimavel estado de nervos.

Não sabe nem póde esconder o seu desapontamento, e os *habitués* da praia aproveitam a opportunidade para tecer os mais incriveis commentarios acerca de tão galante aventura.

O rapaz, ao que dizem, não se occupa de coisa alguma. Por isso, sobra-lhe tempo para satisfazer não só aos caprichos de *madame*, mas, tambem, aos de outras creaturas de aguda sensibilidade...

Quando não está no posto de banho para acompanhar *madame*, é que presta assistencia a uma loirita de olhos azues, ali pelas immediações...

Si *madame* tivesse o costume de passear pela extensão da praia, havia de surprehender-se com um lindo espectaculo.

Mas, como acredita que domina inteiramente o *boy* moreno, quando elle não apparece, *madame* deixa-se ficar na areia, olhando para todos os lados, pesquizando o horizonte, na doce esperança de que o mesmo venha abrandar-lhe os nervos.

Os banhistas já conhecem a historia e gozam, um pedaço, a falta de intelligencia de *madame*.

Com franqueza, era preferivel que *madame* fosse menos bella e tivesse mais argucia!

O rapaz moreno *é* de *circo* e *madame* vive no mundo da lua...

Um lindo «bouquet» infantil: Verena, Eliana, Yolanda e Maria do Carmo, filhinhas do dr. Marcello Brandão, procurador da Republica em Minas Geraes, e netas do historiador dr. Nelson de Senna.

Foi uma linda festa social a cerimonia commemorativa do primeiro anniversario da fundação dos Cursos Praticos Bezerra de Miranda, realizada na tarde de quarta-feira penultima. A exma. sra. Getulio Vargas, esposa do chefe do governo provisorio, comparecendo pessoalmente, fez entrega dos diplomas ás primeiras alumnas que concluiram o curso naquelle estabelecimento. Houve, em seguida, uma hora de arte e um chá-dançante offerecidos á nossa sociedade. Apparecem, no grupo acima, além da directora, sra. Nair de Britto Miranda, e varias alumnas diplomadas, daquelle instituto de elegancia, as escriptoras Maria Eugenia Celso, Anna Amelia Carneiro de Mendonça e Iveta Ribeiro e outros elementos de destaque em nossos circulos intellectuaes e mundanos.

Nos salões do Botafogo F. C. realizou-se sabbado passado uma brilhante festa dançante promovida pelo Atlantic Football Club, e na qual tomaram parte distinctas figuras da nossa sociedade.

Caverna de Ali Babá

O dr. Dirceu Corrêa de Menezes, que acaba de ser nomeado assistente dos serviços medicos da Policia Civil, é, apesar de muito moço, brilhante figura da nossa classe medica e membro destacado do corpo clinico da Associação Brasileira de Imprensa, onde tem prestado os melhores serviços aos jornalistas. Por isso mesmo, sua nomeação foi recebida com agrado pelos innumeros amigos que s. s. conta na imprensa carioca.

GRÉVE E FUSILAMENTO

A noticia mais sensacional da ultima semana passou sem commentarios da imprensa carioca. Foi a do fusilamento em Kiew, na Ukrania sovietica, de dezeseis grevistas renitentes. Aos propagandistas do credito communista deviam os jornaes dar a palavra para que nos aclarassem essa historia, pois até hoje a gréve não tem sido mais do que uma arma de reivindicações por parte do proletariado universal, e todos os regimens denominados capitalistas são constantemente accusados de violencias anti-paredistas.

Ora, sendo assim, não se póde entender que se façam gréves num paiz já integrado no dominio e posse dos beneficios marxistas. Se a dictadura do proletariado ainda o obriga a movimentos reivindicadores, então é jogál-a no lixo como cousa inutil, pois não preenche seus fins. E, se o direito de gréve, de que tanta questão faz o operariado dos paizes capitalistas, é combatido no apogeu do systema bolschevista pela pena de morte, não valeria a pena tel-o instituido e era preferivel conservar a situação antiga.

A esse raciocinio só se póde offerecer combate com uma terceira hypothese: a de que a noticia seja falsa e não passe de calumnia assacada aos soviets pelos argentarios do mundo. Mas não parece que isso se dê e tudo leva a crêr que o communismo é peor para o trabalho do que a decahida e carcomida democracia.

O dr. Alkindar Soares é medico e pediatra. Mas, além disto, é um espirito voltado para a arte e a literatura, uma sensibilidade alta de esteta. O dr. Alkindar Soares acaba de publicar um livro interessante: «Meus dias no Exercito», que reflecte, com elegancia e sobriedade encantadora, a vida que passou na caserna, de que guarda uma saudosa e enthusiastica lembrança.

Nesta, a garantia dos chamados "direitos do homem" indicam um individualismo, que póde ter seus defeitos, mas incontestavelmente possúe suas grandes vantagens. Naquelle, elle se dilúe no collectivismo que reduz a grei humana a um rebanho ou a uma caserna.

Entretanto, o mundo, embalado por ideologias ôcas e pelo canto de sereia das propagandas insinceras, caminha rapidamente para a esquerda, reproduzindo a fabula das rãs que desejavam um rei, que se não contentavam com o tranquillo pedaço de páu mandado por Jupiter e fôram acabar devoradas cruelmente pela cegonha voraz.

Sua alma, sua palma...

HARUM-AL-RASCHID

Depois de mergulhado doze seculos mais ou menos na insondavel noite do tumulo, o califa de Bagdad, amigo de Carlos Magno, protector das sciencias e das letras, heróe das aventuras das "Mil e uma noites", materializou-se numa sessão espirita no Rio de Janeiro. Foi pelo menos o que contou "A Vanguarda" em letra de fôrma. Materializou-se e deitou verbo aos seus maravilhados ouvintes, sobranceiro ainda como no tempo em que dava ordens ao vizir Giafar e ao eunucho Mesrur. Depois, entre o assombro dos presentes, dissolveu-se no ar. Mas não revelou aos mortaes nenhum segredo do Além, porque, ignorando o nosso idioma, falou em arabe e ninguem o entendeu...

SÉSAMO

«FON-FON» NO MARANHÃO

Francisco Steele, secretario do capitão Serôa da Motta, interventor no Maranhão, actualmente no exercicio interino do elevado cargo de inspector do Thesouro do Estado. Nos elevados postos que tem occupado, Francisco Steele, que é um espirito fino e uma intelligencia culta, demonstra capacidade de trabalho e tino administrativo, impondo-se ao apreço e á sympathia pelas suas nobres qualidades.

Em todos os quarteis do Exercito, aqui e em Nictheroy, realizou-se quarta-feira penultima, 18 do corrente, a cerimonia do juramento á Bandeira dos novos conscriptos incorporados ás unidades da primeira região militar. Esta pagina focaliza aspectos tomados no quartel do Primeiro Regimento de Cavallaria, á avenida Pedro II, durante o tocante acto de patriotismo, que foi assistido pessoalmente pelo commandante da região, general João Gomes.

LIÇÃO DE PINTURA

De Augusto Nogueira

— Pinte, para minha illusão, um quadro futurista... "Minha discipula tem olhos negros, que assustam sua expressão bizarra e enigmatica, corpo frágil de andorinha e não pinta os lábios. Prefere manejar o pincel nas telas claras: praias longas, beijadas pela espuma loira das ondas preguiçosas, ou palmeiras esguias como mulheres esguias, dominando os descampados tristes e sem sol".

Empunhando o pincel, vagarosamente, espero.

Ella insiste pelo quadro futurista, e se curva para espiar, no fundo de minhas pupillas, o reflexo estranho de seus olhos bizarros e enigmaticos.

— Pois bem. Olhe a tela. Agora uma pincelada. E' um circulo. Agora outra. Uma recta. Comprehende?

— Não.

— Agora uns olhos obliquos. Um feixe de linhas abaixo do nariz quadriculado. Entendeste?

— Ainda não.

— Falta a legenda: Eil-a: "Consul chinez". Veja e sinta. E vendo e sentindo é que a gente comprehende e vê, que aquillo é mesmo a perfidia amavel e leve de um consul chinez, perdido nos malabarismos dos mandarins e de uma unha ponteaguda escondendo opio.

— Sim. Maravilhoso. Mas, pinte outro quadro.

— Veja. Duas pinceladas. Uma taça. Não é a celebre amphora da bailada do rei de Thule. E' a taça estreita da minha vida. Derramei sobre ella o vinho capitoso do sonho que extravazou e agora suffoca o meu coração.

— Romântico...

— Mudarei o sentido, com um simples distico: "Caixa de brinquedos".

— Ah, já sei. Comprehendi. E' alguém que dá uma caixa.

— Não, minha querida. E' um trenzinho de ferro que veiu na caixa e anda circulando os circulos viciosos de um encantamento que nunca chegou. Como nunca veiu, na loucura triste de Maupassant, aquella doçura das lapides abandonadas, olhando ao longe, faiscando ao sol, areia moida de vidro do Bosphoro. Afinal, cada um fará, desse pequeno quadro subjectivo, uma interpretação adaptada a um facto seu. E' a emancipação inevitável de quem observa. Meio milhar de pessoas que assista ao torneio de Pirandello, são quinhentas opiniões differentissimas, sobre o que pretendeu a sua genialidade, debruçada ante a movimentação dos seus bonecos, enscenando uma incorruptivel vida de symbolos.

* * *

Terminou a lição. Minha discipula ficou triste, porque não gosta da pintura, que faz pensar na exaltação dolorosa do silencio. Prefere as suas telas claras, cheias de ondas indolentes, espumas ruivas, palmeiras erectas nos desertos quidos...

Ella arrumou a boina verde na cabecinha linda, e sahiu silenciosamente.

Meditando, talvez, no consul chinez, na taça estreita da vida ou no comboio de brinquedo que nunca veiu...

As figuras componentes do famoso «Quartetto de Londres», considerado o mais perfeito conjuncto de musica de camera da actualidade, e que, dentro de breves dias, se apresentará ao nosso publico, numa série de concertos que se realizarão no theatro Municipal.

THEATRO DA JUVENTUDE

Marly Roballo.

Walter de Sequeira.

Zaira Alexandre.

O sr. Walter de Sequeira, nosso collaborador, é o creador do *Theatro da Juventude*, que, por sua vez, está revelando os valores artisticos da élite carioca. Os seus espectaculos têm um fim nobilitante: a caridade. Dahi a razão por que merece applausos a iniciativa do sr. Walter de Sequeira, que escreveu uma peça de enredo moderno — Nadir — destinada á estréa do Theatro da Juventude. Uma das principaes figuras do elenco é a senhorita Marly Roballo, dama da nossa alta sociedade, e que, em Nadir, creará o difficil papel de Gestrudes. Diana, outro papel de responsabilidade, será confiado á intelligencia da senhorita Zaira Alexandre, que é outro elemento de destaque do "set" carioca. Ambas apparecem no clichê acima, juntamente com o sr. Walter de Sequeira.

Senhorita Amalia Barreto Baltar, filha do dr. Antonio Baltar Junior, juiz de direito no Estado do Paraná, e que acaba de se formar em contabilidade pela Academia de Commercio do Rio de Janeiro.

A senhorita Aurea Nascimento, filha do dr. Orozimbo Lincoln do Nascimento, director do observatorio astronomico da Escola Polytechnica, tambem concluiu este anno o curso da Academia de Commercio do Rio de Janeiro.

Contava apenas dezoito annos o joven Roberto Aldridge, que segunda-feira ultima falleceu nesta capital, victimado por grave enfermidade. Era filho dos conhecidos educadores sr. Leonardo W. Aldridge e sra. Bertha Buchain Aldridge, directores do Collegio Aldridge e prestigiosas figuras da nossa sociedade. Roberto gozava, entre nós, de grande estima, pelos seus predicados de espirito e coração. Iniciando seus estudos na Inglaterra, veiu concluil-os no Brasil, cursando, como alumno distincto, o reputado estabelecimento de ensino fundado por seus paes. Seu desapparecimento prematuro, que veiu enlutar uma familia illustre, encheu de profunda magoa o grande circulo das suas relações. O enterro do mallogrado joven realizou-se na tarde de segunda-feira, sahindo o feretro do palacete da praia de Botafogo, 184, para o cemiterio de São João Baptista, onde, ao baixar o corpo á sepultura, falou, num commovido adeus a Roberto Aldridge, o dr. Armindo de Moraes.

COOPERAÇÃO INTELLECTUAL

(Conclusão)

tudo, para unificar internacionalmente as terminologias e os systemas chamados de "mesures", e isso, notadamente para as sciencias biologicas.

Os laboratorios, não foram esquecidos nessa admiravel organização e a "busca" scientifica é um dos grandes problemas estudados pelo Instituto, que vem de assignalar ao mundo, nas suas publicações, a notavel organização da Faculdade de Medicina de S. Paulo.

Não quero terminar a breve exposição que faço, sem realçar as iniciativas do Instituto no dominio das artes, creando o *Officio Internacional dos Museus*, que promove a troca de obras de arte, a unificação das medidas de protecção e conservação de quadros, e monumentos historicos. Exposições de alto valor historico foram tambem organizadas e não passaram o oceano, em caminho da America, por falta de verba, cingindo-se, somente, ao circulo europeu. Emfim, não nos sobra espaço para uma detalhada analyse das obras realizadas pelo Instituto, mas ellas não se limitam apenas aos dominios vastissimos da coordenação nas diversas technicas intellectuaes. Depois de haverem estudado as suas utilidades, todos os governos, como organismos privados, reconheceram nelle o melhor instrumento de "cooperação" para os grandes problemas de nossa época, notadamente o chamado "desarmamento moral" graças aos methodos por elle explanados, de "cooperação intellectual". O problema do "Estado em face da vida economica" foi estudado recentemente, pela primeira vez em commum, pelos grandes especialistas em relações internacionaes de todos os paizes, durante uma conferencia organizada em Milão pelo Instituto.

Vê-se perfeitamente que os trabalhos dessa util e admiravel corporação interessam particularmente a cada paiz do mundo em geral. Temos no Brasil uma Commissão de Cooperação Intellectual regida pelo Itamaraty, á qual cabe, em prowalto do proprio governo, procurar um meio de fazer a propaganda do Instituto, nas suas acções, methodos e idéas, o que só nos poderá ser de grande utilidade, tendo ainda a vantagem de findar com os "topicos" disparatados de alguns cavalheiros, falhos de assumptos, que nem ao menos sabem o que é, a que destina e a utilidade do Instituto de Cooperação Intellectual.

Paris 1.º-V-XXXII.

BRUNO DE ABREU

UMA PINTORA BRASILEIRA EM PARIS

INAUGUROU-SE, recentemente, o mais importante salão de Paris — o da Sociedade dos Artistas Francezes, que este anno commemorou o seu 50.º anniversario. Nelle figuram dois trabalhos de uma artista brasileira, o que é motivo de justo orgulho para nosso paiz. A pintora que alli offerece um indice de nossas possibilidades artisticas é a sra. Olga Mary Pedrosa, que já frequentara aquellas galerias, presentemente, se encontra entre nós. "La Rue" e "La Classe" são as telas modernas e vigorosas dessa festejada artista patricia, que, no momento, expõe outras obras no 4.º Salão dos Artistas Brasileiros, inaugurado a 7 do corrente, na séde da Associação dos Artistas Brasileiros. D. Olga Mary Pedrosa é uma das expressões mais finas e das sensibilidades mais ricas da moderna pintura brasileira. A gravura abaixo representa um dos quadros de Olga Mary expostos, este anno, no Salão dos Artistas Francezes: "A Classe".

A Companhia Adelina-Aura Abranches está realizando uma temporada de comedia brasileira no theatro Casino, onde estréou sexta-feira, 20 do corrente, com a peça «Saudade», de Paulo de Magalhães, que alhi se vê ladeado pelas duas grandes artistas portuguezas.

Um grupo de veranistas retardatarios em Cambuquira.

DIALOGO ENTRE JUDEUS

Levy encontra na rua seu amigo Isaac:

— Oh! meu caro amigo, ha quantos annos não nos vemos?

— Ha muitos.

— Que tens feito todo esse tempo?

— Casei-me.

— Como vão teus negocios?

— Optimamente.

— Fizeste fortuna?

— Fiz. Tenho tres casas de aluguel, duas lojas, um bangalô mobiliado onde moro, um automovel, joias etc. Mais ou menos mil contos de reis.

— Alegra-me muito a tua felicidade. Ainda tens a mania de crear gallinhas?

— Ainda. Possúo nove casaes de Leghornes, vinte e dois de Brahmas e uns cincoenta frangos de varias raças.

— E filhos? Tens filhos? Quantos?

— Tenho, mas não sei quantos.

— Homem, que é isso? Não sabes quantos filhos tens?

— Não. Eu conto meu dinheiro, minhas casas, minhas joias, mesmo minhas gallinhas, mas nunca me lembrei de contar meus filhos...

O NOSSO DIA por SYLVIO FREITAS

Imagina, querida! A auróra despejando
No coração do espaço infindo,
Uma chuva abundante de polychromia.
Ao longe, o mar bramindo;
Sobre o arvoredo os passaros cantando;
Muito sól, muita luz, muita alegria
E, finalmente, o dia
Numa orgia de côr desabrochando
Maravilhósamente lindo!...

E eu despertando, amôr, eu despertando...

Imagina, querida! A tarde erma, sombria,
Plúmbea, brumósa, fria, muito fria,
A tarde... maravilhósa!
Uma aragem subtil bailando no ar;
Nem um brando rumôr,
Um silencio lethargico, profundo,
Depois, amôr,
Nós dois esquecidos da vida, esquecidos do mundo,
Ajoelhados deante de um altar;
E em frente a nós um padre eternizando
Com uma oração sublime de fervôr,
O nosso amôr, querida, o nosso grande amôr!...

E a noite, emfim, a noite silenciosa,
De estrellas toda cravejada,
Nossa alcova cheirando a lyrio e a rósa,
Completamente perfumada.
O luar, entrando
Em nosso quarto de mansinho
E, bordando
De prata o nosso ninho.
E nós, querida,
Cheios de amôr, em plena mocidade
Sentindo a vida, amôr, a vida!
E o vento, de vez em quando,
No meu, no teu ouvido murmurando:
— Felicidade... Felicidade...

(Do livro a sahir: «Brumas de Ouro»)

BENEDICITE

Bemdito seja Deus, que baptizou nas lagrimas o meu amor!

Bemdito seja Deus, que permittiu a immolação cruenta para gloria da resurreição!

Bemdita seja a Vida profunda e bôa!

Bemdita seja a Vida que teceu o aranhól doirado em cuja teia me prendi!

Bemdito sejo o Amor, que poz dentro de meu peito essa alegria immensa!

Bemdito sejo o Amor, que me fez tua e te fez meu!

Bemdito sejas tu!

REGINA RIZIERI

«FON-FON» NO INTERIOR BRASILEIRO

O engenheiro Paulo Coriolano, director dos serviços da rodovia Coroatá - Pedreiras, e um grupo de indios «Canélas», que trabalham, mansamente, na agricultura, no interior do Maranhão.

COCAINA

A' mulher nunca se deve perguntar o que pensa da belleza de sua melhor amiga...

* * *

As mulheres pequenas gostam dos homens grandes, mas nunca dos *grandes homens*. E ha ainda quem duvide da lei dos contrastes!

* * *

A mulher tem a bocca fechada quando precisa esconder os máus dentes. Caso contrario...

MARIO POPPE

Queriam roubar-lhe o amôr da filha.

DUAS VIDAS

(Once a Lady)

DA PARAMOUNT

com RUTH CHATTERTON

ANNA KEREMAZOFF, uma rapariga russa de educação não esmerada, mas interessantissima, desposa Jimmy Fenwick, filho de paes inglezes, senhores de grande fortuna. Realizado o casamento, Fenwick afasta Anna da sua adorada Paris, e a pobre rapariga tem então que tentar identificar-se com a sevéra e pouco affavel familia de Fenwick, moradora numa monotona residencia do interior da Inglaterra.

Nasce de Anna uma filha, mas tão grande influencia exerce sobre a creança a familia Fenwick, que a menina se manifesta abertamente contra as idéas e principios de sua mãe. Fenwick, absorvido pela politica, poucas horas tem para dedicar a sua esposa. Por outro lado, os parentes que vieram a Ruth, por força do seu matrimonio, tratam-n'a com uma frieza, uma reserva debaixo da qual disfarçam uma hostilidade que torna a pobre senhora profundamente infeliz.

Casualmente, Anna encontra Benett Clond, que a cortejou nos dias felizes de Paris, que a sua saudade tantas vezes evoca, e Anna, impulsivamente, acceita um "rendez-vous" que elle lhe marca. Esse encontro é descoberto, e, horrorizado com a possibilidade de um escandalo, os Fenwick exigem de Anna que parta immediatamente para o castello que a familia possúe na Riviera, e d'ali não sáia até que o triumpho eleitoral do chefe da familia esteja assegurado.

Anna submette-se a essa exigencia e toma passagem no "Nice Express", ali se encontrando com Bennett Clond. Este lhe implora que vá para Paris com elle, e d'ali siga em aeroplano para Nice, no dia seguinte. Anna tem forças para resistir ás supplicas de Bennett, e os dois vão para um hotel de Paris, e, por esquecimento, deixam no trem o guarda-sol de Anna.

Uma fuga amorosa até Paris.

Nessa noite, o expresso de Nice é inteiramente destruido numa collisão, e todos os que viajam no compartimento de Anna são victimas do

Depois de tantos annos voltavam a encontrar-se.

desastre. Urgentemente avisado, Fenwick corre ao local da catastrophe e ali encontra o guarda-sol de que se esqueceu sua esposa. Os jornaes, no dia seguinte, noticiam que Anna foi uma das victimas e Fenwick se vae reunir em Nice a sua familia.

De manhã, sob o dominio do remorso, Anna toma o aeroplano em Paris e segue directamente para Nice. Ella nada sabe sobre o desastre e fica intrigada com a surpresa que a sua apparição causa a Fenwick e seus parentes. Informada da catastrophe que destruiu o trem de que ella devia ser passageira, vê-se obrigada a revelar a verdade sobre o seu passeio a Paris. A familia de Fenwick, receiosa da repercussão do escandalo sobre a carreira politica de Fenwick, exige de Anna que desappareça, para que todos acreditem ter ella, de facto, perecido no desastre. Anna ainda se anima a appellar para Fenwick, mas este lhe declara que é inteiramente solidario com as exigencias da familia. Aniquilada pela desgraça, sem coragem para enfrentar aquelles que a desampararam, Anna retira-se daquella casa onde não encontrou protecção nem amizade.

Passaram-se dez annos, e, com um nome supposto, Anna é hoje a cocote mais famosa de Paris. O mundo continúa a acreditar que ella foi uma das victimas da catastrophe do "Nice Express", e Fenwick, por processos que ladearam de perto as disposições da lei, obteve no Mexico o divorcio que queria.

Nem por isso deixa Anna de acompanhar com desvelada attenção a carreira de sua filha Faith, ao tempo apaixonada por um alumno do curso de architectura, que está fazendo os seus estudos em Paris. Fenwick, formalmente, se oppõe ao noivado da menina, pois sabe que o candidato á mão de Faith não possue um ceitil. Despeitada, Faith segue para Paris a reunir-se ao seu apaixonado, que se recusa desposá-la até dispôr de meios que lhe permittam prová-la do necessario, e a leva para a casa de um primo seu.

N'essa noite, num baile de grande luxo, Anna encontra-se com Faith e descobre que ella é sua filha. A pequena, encolerizada com o joven estudante a quem ama, bebe um pouco mais do que devia, e, sob a acção do alcool, refere a Anna os momentos de angustia por que está passando. Anna leva-a para o seu aposento, e telegrapha a Fenwick, ordenando-lhe que venha falar-lhe sem demora.

Receioso de um escandalo, Fenwick vae ao encontro de sua ex-esposa no logar aprazado, e Anna o ameaça de contestar o divorcio que elle obteve e provocar um escandalo que dará armas aos seus inimigos politicos, si elle não depositar, em nome de sua filha, quanto baste para que ella possa immediatamente desposar o homem de sua escolha.

Fenwick não tem remedio sinão ceder á ameaça e Anna, continuando a conservar Faith na ignorancia de sua verdadeira identidade, mais uma vez desapparece da vida da menina, para que ella possa, a coberto da maldade dos homens, fruir os seus dias de felicidade...

Soffria porque não a comprehendiam.

Não se separaria do seu filho amado.

ALOHA

Producção da Tifany Productions

com *Ben Lyon — Raquel Torres — Alan Hale — Thelma Todd — Marian Douglas e Donald Reed*

ESTAMOS em uma das ilhas encantadas do Pacifico, onde o homem branco ainda encontra bellos mysterios a desvendar, entre o mysticismo e a fascinação de uma raça sensual.

Era costume, naquelle povo, as donzellas, apenas chegavam á idade do amôr, escolherem entre os homens de sua raça aquelle que devia ser seu companheiro até a morte. Ai daquella que ousasse contrariar os ritos sagrados de sua religião, preferindo outro homem pertencente á raça inimiga, a branca! O vulcão — o Deus do Fogo — ali estava bem perto para consumir a infiel.

Ilanu, uma linda nativa, devia escolher o joven que devia ser seu esposo e isto emquanto bailasse a "dança do amôr", ao som dos instrumentos primitivos dos indigenas, que executavam uma musica dolente.

Kahea, o mais apessoado dos indigenas, esperava que nelle recahisse a escolha, mas... Ilanu não podia, não queria casar com um seu igual. Dados os primeiros passos, aos requebros de um corpo maravilhoso, seus membros negam-se a proseguir na dança e, prostrando-se aos pés do velho avô, Ilanu confessa a impossibilidade de continuar a cerimonia. De nada adeantam os protestos e ameaças do velho, de nada influem os olhares seductores de Rahea. Ilanu abandona o logar com a alma torturada pelo desespero. Por que seria tamanha revolta no cumprimento de uma determinação do destino? Como se atrevia uma insignificante donzella de sangue indio a contrariar as sacrosantas praxes de uma raça millenaria?

Ilanu não podia escolher outro homem, porque seu coração pulsava de amôr por Jimmy Bradford, um joven americano, exilado naquella ilha pela intolerancia de um pae bastante rispido e exigente. Jimmy, porém, não se dava por achado com o amôr daquella que elle considerava uma india igual ás outras, e foi preciso que a pequena pedisse o seu auxilio para não ser atirada ás chammas do vulcão, para que Jimmy começasse a tomar algum interesse pela sua pessôa. E tal interesse não tardou em se transformar em sympathia, e esta em amôr. Dias depois, aportava á ilha um navio que trazia a Jimmy a alegria do perdão paterno e foi então que elle se resolveu a voltar para a America.

Ao chegar a Nova-York, quando recebia os beijos e abraços da irmã Winnie e de Elaine, a loura que

Mal comprehendia aquelles habitos de elegancia.

Amôr forte em aquelle!

amava, Jimmy surprehendeu-as com a apresentação de Ilanu, já sua esposa. O desapontamento de Winnie e a tristeza de Elaine convenceram, desde logo, a Jimmy de que tinha a lutar com mil tropeços na vida, afim de conseguir a felicidade; e isto ainda não era nada comparado ao golpe tremendo que soffreu logo depois seu pae. Ilanu que jamais sonhára em pisar um salão aristocratico de grande cidade, offereceu, a principio, um triste espectaculo aos parentes de Jimmy. De uma meiguice encantadora, ella supria a falta de tacto social com a doçura de seu amor por Jimmy, o que lhe valeu a sympathia de Elaine, e a intenção sincera de ser bôa e digna.

O velho, entretanto, não podia admittir tamanha desobediencia e mais uma vez expulsou o filho de casa.

Jimmy começou a vida com o seu esforço e conseguiu dar relativo conforto á esposa, até que um dia viessem chamar da parte do pae. Ilanu já havia recebido as perolas symbolicas do perdão do avô, pelas mãos de Kahea. Jimmy vae, então, á residencia dos seus e recebe o legado de continuador da obra do velho Bradford, que acreditou na palavra do filho, que affirmava ter embarcado Ilanu para a ilha. Os jovens esposos foram, então, residir na casa da familia Bradford, e ahi começa para Ilanu a provação. Orgulhosa e má, Winnie procura tudo para levar ao coração de Jimmy o desamor á sua esposa. Toda sorte de intriga e maldade fez ella surgir entre os dois esposos, mas Jimmy havia promettido amar Ilanu sempre e sempre.

Veiu, então, o primeiro filho, o encanto da casa dahi por deante. Nem por isto, porém, diminuiam as preoccupações de Winnie, que chegou ao ponto de arranjar para o garoto uma perceptora rispida e sem graça, afim de privar á joven mãe do convivio de seu querido filho. A situação, portanto, começou a se tornar afflictiva para Ilanu, desejosa, desde então, que uma mudança radical se realizasse.

Jimmy organizou uma excursão ás ilhas do Pacifico, no seu "Yacth", levando varios convidados, em cujo numero se incluia Elaine. Kahea tambem aproveitava a occasião para regressar para junto de seu povo.

Em caminho, emquanto os convidados de Jimmy se entregavam ás innumeras diversões de bordo, Winnie, que não perdia um momento para salientar a differença de casta da joven cunhada, preparou uma scena que a todos encheu de comiseração pela pobre Ilanu. Levando-a ao seu beliche, fêl-a beber bastante vinho, embriagando-a por fim. Ilanu, em estado de inconsciencia, commetteu verdadeiros disparates deante de todos, e isto indignou o marido, que a conside-

(Continúa na pag. seguinte)

Recebendo lições.

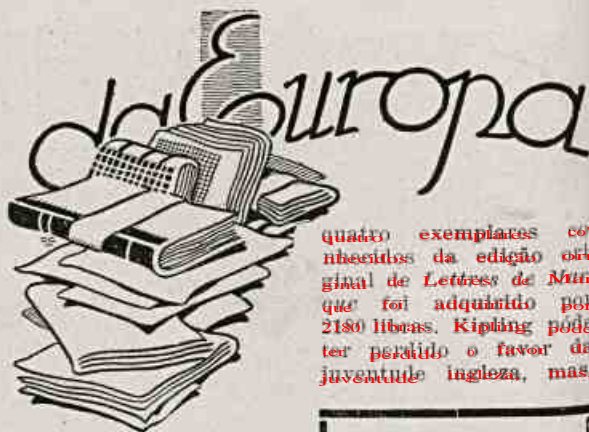
EPICO!
GIGANTESCO!
FORMIDAVEL!

O MAIOR DE TODOS OS DRAMAS QUE JÁ TIVERAM POR PALCO O SCENARIO INFINITO DO CEO!

DIRIGIVEL

com

JACK HOLT
RALPH GRAVES
FAY WRAY

DE 6 DE JUNHO EM DIANTE NO

Novidades literarias da Europa

O romance de aventuras voltou a gozar de um prestigio enorme em França. A livraria Plon vem de lançar com grande successo e maior reclame: "Le Maitre-Coq du "Kamtchatka"", de Jean d'Agraives, e "Le Vaisseau Sanglant", de Norman Springer, que a critica recebe com grande enthusiasmo, julgando-os "os melhores e mais perfeitos no genero apparecidos até hoje".

Entre as primeiras obras de Fra Filippo Lippi e as ultimas de seu filho, existe um grande espaço de tempo e a differença de estylo que separa os "fresques" de Fra Angelico da Monna Lisa de Leonard de Vinci. E' o grande seculo florentino desde a sua florescencia até a sua decadencia que se encontra no livro *Les Deux Lippi*, que Urbain Mengin vem de publicar, excellente estudo de arte, com grande successo.

Jacques Copeau, prefaciando uma nova edição das *Comedies et Proverbes*, de Musset, dá-nos um interessante e inédito estudo do famoso poeta francez, mostrando-o de uma forma desconhecida, modesto, não falando nunca de suas obras e não admittindo que dellas se fale: "Le moins homme de lettres qui soit, — escreve elle. — Et le plus sincère des hommes. "Je n'ai jamais pu mentir" dit-il. On doit l'en croire. Son habitude est de se charger, non de s'absoudre. Musset ne se sent pas obrigé á faire des chefs-d'oeuvre. Il ne s'en croit pas capable. Il faut que le besoin de s'épancher ou celui de s'amuser l'emportent... Plus d'une fois, l'intrepide fécondité de George Sand dut lui soulever le coeur!"

Quantas vezes ouvimos dizer, ou lemos, que Kipling não é mais apreciado pelos inglezes, perdeu a admiração da juventude britannica! E, no emtanto, ultimamente, em Londres, um exemplar de *Contos das collinas* foi vendido a 1000 libras e um dos quatro exemplares conhecidos da edição original de *Lettres de Mar* que foi adquirido por 2180 libras. Kipling póde ter perdido o favor da juventude ingleza, mas, como se vê, continúa a ser apreciado pelos bibliophilos.

Maurice Maeterlinck, o famoso autor de *Monna Vanna* e *La vie des fourmis*, acha-se em Paris. Justamente a Casa Fasquelle vem de lançar um novo volume do famoso autor belga, e que tem sido classificado pela critica como a sua melhor obra, de maior pujança e observação que la *Vie des fourmis*, e que já está em 25 edições. *L'araignée de Verre* revela a curiosa vida da aranha d'agua, que muito antes dos homens já havia inventado o escaphandro.

Quem não viu e não sentiu a arte admiravelmente simples de Germaine Acremant, a creadora de *Ces dames au chapeau vert*? A livraria Plon vem de lançar um novo livro da celebre escriptora — *A Nombre des celibataires*, obra admiravel simples e alegre passada na campanha franceza, e que constitue um bello estudo de psychologia.

Brito de Aguiar

Livros que acabam de apparecer

- «L'ame du vin», por Constantin Weyer, (Rieder, editor).
- «Goethe», numero especial da revista «Europe». (Rieder, editor).
- «Au maroc avec Lyautey», por mme. Willette, (Sfes, editor).
- «Tante Lucille Rose», romance, por Max Fallay. (Revue Mondiale, edi.).
- «Dans L'Ile», romance, por Marie Le Franc. (Fasquelle, editor).
- «Les Rouchard», romance, por Henry Hirsch, (Editions des Portiques).
- «Le Lien Deraisonnable», romance, por Bernard Shaw. (Editions Montaigne).
- «Cidra ou l'express d'Istanbul», por Pierre Weiss. (Quenelle, editor).
- «Mosaiques» Tennis», romance, por Benazous Chatt. (Revue Mondiale, ed.).
- «Le fruit de la solitude», por Germaine Beaumont. (Lemerre, editor).
- «Babet le Sage et ses amis», por J. Reboul. (Librairie Valois).
- «Les ailes de la mort», por Jacques Mortane. (Editions du siècle).
- «Hortense ou la reine qui chante», por Gabrielle Reval. (Editions Portiques).
- «La Jeunesse de Brisset», por François Primo. (Grasset, editor).
- «Ceux des chars d'assaut», por Corlien Jouve. (Tallandier, editor).
- «Les destructeurs de la France», por C. Marcault. (Desclée, de Brouwer, edits.).

Escriptores e livros

Philippe Aristides Caire — A ENXERTIA PRATICA — Edt. A. Coelho Branco F.º — Rio — 1932 — 6$

É a segunda edição augmentada do excellente livro do dr. Aristides Caire, ex-director da Estação de Pomicultura de Deodoro e que foi em vida um dos mais efficientes collaboradores do M. da Agricultura.

O autor, reconhecendo a necessidade de um pequeno tratado sobre enxertia pratica, para auxilio dos agricultores, organizou o seu trabalho numa linguagem simples e clara, ao alcance de todos.

O dr. Arthur Torres Filho, uma das maiores autoridades em assumptos agricolas, do paiz, resalta o valor do livro, escrevendo o prefacio.

Yoritomo Tashi — A ARTE DE VENCER EM 12 LIÇÕES — Flores & Mano — Rio 1932 — 4$

MAIS um interessante volume foi accrescido á *Bibliotheca de cultura individual*. São doze lições de grande proveito para os espiritos curiosos e perseverantes, que poderão *vencer* si cumprirem á risca os conselhos do sabio e profundo Yoritomo Tashi.

Erico Verissimo — FANTOCHES — Liv. Globo — P. Alegre — 1932 — 5$

O autor teve o cuidado de avisar que o livro não tem unidade, compondo-se de um punhado de contos bem differentes uns dos outros, e escriptos em épocas diversas. Era desnecessario fazêl-o. Trata-se de uma obra inteiramente fóra de proposito, desarticulada como o proprio fantoche.

Por vezes, não se atina com o pensamento do *conteur*. O primeiro conto do livro, *Os tres magos*, apresenta ao leitor este fecho notavel: *Mas ninguem não fica sabendo daquelle misterio novo da noite de Natal.*

A que attribuir esse *ninguem não fica?*... Distracção?

Mas, logo em seguida o autor escreve: *Não tive tempo de agarrar elle*. Com franqueza, era preferivel que o autor não tivesse puxado os cordeis dos fantoches...

Herman Lima — TIGIPIÓ — Civilização Brazileira Editora — Rio — 1932 — 5$

EM terceira edição apparece *Tigipió*, livro de contos premiado pela Academia Brasileira de Letras.

Por se tratar de uma edição definitiva, o autor juntou ao volume um conto inédito, *O arrieiro*, e mais tres outros do livro *A mãi-da-agua*.

A critica já se manifestou largamente sobre o livro, derramando-se em elogios ao escriptor. Nada ha de novo, pois, a apontar, depois que os maiores espiritos das letras patricias penetraram na floresta das idéas do bravo *conteur*, fazendo-lhe a merecida consagração. Herman Lima, entre os melhores e grandes valores do Norte, destacou-se brilhantemente, desde o apparecimento deste formoso livro de intensa vibração regional. Sabe conceber os enredos e dar belleza á phrase. Está de plena posse da technica do conto e não carece mais de ser apresentado ao publico que lê.

Arthur Conan Doyle — A CAIXA SINISTRA — Comp. Editora Nacional — S. Paulo — 1932 — 5$

COM este volume de contos, apparece na collecção *Para Todos* o nome Conan Doyle, o escriptor de aventuras policiaes, universalmente conhecido e admirado pelo seu genio inventivo.

H. Rider Haggard — O ANÉL DA RAINHA DE SABÁ — Comp. Editora Nacional — S. Paulo — 1932 — 5$

O autor já é conhecido do nosso publico, atravez da celebre adaptação do seu livro *As minas de Salomão*, feita pelo inesquecivel Eça de Queiroz. Agora, o apparecimento da obra de Rider Haggard, na collecção *Para Todos*, vae certamente despertar curiosidade.

NOTAS DE ARTE

OSCAR D'ALVA

CONCERTO DE MÚSICA POLONEZA. — Commemorando o 141.º anniversario da 1.ª Constituição Poloneza de 3 de Maio de 1791, realizou-se em a noite de 12 de maio, no Theatro Municipal, promovido pela Sociedade Polono-Brasileira, com o concurso do Ministro da Polonia, dr. Thadeu Grabowski, de uma Commissão de senhoras presidida pela sra. Noemia Fagundes, e sob os auspícios, e com a presença da sra. Presidenta da Republica, Mme. Getulio Vargas, — um concerto symphonico e vocal de musica poloneza, em beneficio de um monumento a Chopin, a erigir-se aqui no Rio e da desvalida infancia escolar polono-brasileira do Sul do Brasil. Foi executado este programma: I — Prof. Aloisio de Castro — *Allocução*; *Hymnos Nacionaes do Brasil e da Polônia*; Stanislaw Moniuszko — *Serenata Rústica* da op. "Verbum Nobile", Mieczyslaw Karlewicz — *Rhapsodia Lithuena*; — pela orchestra do maestro Francisco Braga; — II — Chopin — *Plainte* e *Pour toi seul*; Michal Kucharski — *Berceuse*; Adam Wieniawski — *Lucien, mon Lucien unique...* aria da opera *Délivré*; Luejan Kamienski — *Oh, beau lac, Alouette Gentillette, L'herbe pousse* (canções populares harmonizadas); Ludomir Rozicki — *Hymenée*; Karol Szymanowski — *Le grillon et le hanneton*; Ludwick Marezézewski — *Tua bocca de coral*; — pela sra. Léa Azeredo da Silveira, acompanhada ao piano pelo Prof. José de Souza Lima; — III Chopin *Concerto F. Mol*; Michal Oginski — *Adeus á Patria* — pela pianista sra. Xenia Prochorowa e a orchestra de Fr. Braga.

Breve mas instructivo e elegante commentario sobre o *Concerto F. Mol* de Chopin, a allocução do Prof. Aloisio de Castro bem mereceu os unanimes applausos do grande auditorio.

A orchestra do Th. Mun. sob a regencia de Fr. Braga pareceu-nos irreprehensivel. Tivemos a impressão de que o conceituado mestre deu especial colorido á regencia e que todos os instrumentistas estavam perfeitamente senhores de todas as peças. Essa perfeição, destacamol-a mais especialmente na *Rhapsodia Lithuana*, que, como quasi tudo, ouvimos pela primeira vez e que foi dos mais bellos e emocionantes numeros do concerto. As cordas em surdina que enchem toda a primeira parte, penetram fundo na alma do ouvinte e dão-lhe a sensação de estar oppresso, asphyxiado, como o povo lithuano no tempo do captiveiro russo.

A sra. Léa Azeredo da Silveira, cujo canto sobresae por uma qualidade pouco vulgar — a bôa dicção — sempre ovacionada, distinguiu-se principalmente em *Berceuse*, *Oh, beau lac*, *L'herbe pousse* e *Tua bocca de coral*, onde mais se accentuaram os predicados vocaes e artísticos da illustre cantora patrícia.

A sra. Xenia Prochorowa deu grande realce ao *Concerto* de Chopin. Surprehendeu-nos o grão a que elevou o poder de transmittir a emoção. O piano da sra. Xenia Prochorowa foi digno emulo da orchestra de Fr. Braga. O *Concerto* do poeta do piano encontrou, na illustre pianista russa, admiravel interprete. O publico saudou-a com enthusiasmo e pediu-lhe *extra*, o que satisfez tocando brilhantemente um *Estudo* de Chopin.

LUIZA LACERDA. — Com o concurso da pianista srta. Aracy de Lima Coutinho, que fez os acompanhamentos, realizou-se na tarde de 14 de maio, no Theatro Casino, o seguinte programma: I) Bach. — *Auprés de toi* e *Si ton coeur s'abandonne*; J. Tiersot. — *L'amour de moi*, Beethoven — *Plaintes*; Lulli — *Revenez, amour, revenez...* B. Marcello — *Quella fiamma*; — II) Schubert — *Sérénade* e *Impatience*; Schumann — *La fleur de lotus* e *La coccinelle*; — III) R. Hahn — *D'une prison*; Santoliquido — *L'assiolo canta* e *L'alba di luna sul bosco*; A. Bruneau — *L'heureux vagabond*; M. Ravel — *Nicolette*; D. Milhaud — *Berceuse* (canto popular hebraico); E. Chabrier — *Les cigales*.

Parece não nos enganamos quando, dizendo da estréa da srta. Luiza Lacerda em 16 de julho de 1930, escrevemos que o Brasil contava com mais uma cantora de bello futuro. O recital de agora o confirma pelos progressos realizados. Acentuaram-se as qualidades que antes assignalamos, como a bôa dicção, e a expressão dramatica. A propria voz adquiriu timbre mais agradavel, tornou-se mais avelludada. Aprimorou-se-lhe a arte de cantar. O que falta á joven cantora, é mais contacto com o publico, a frequencia de um meio artistico mais adiantado e um curso europeu de aperfeiçoamento, para attingir ao maximo valor que o seu talento promette.

Todos os numeros mereceram os applausos com que a sala inteira os saudou. Mas houve alguns que especialmente se destacaram: *Si ton coeur s'abandonne*, *L'amour de moi*, *Revenez, amour, revenez...* *Quella fiamma*, *Impatience*, *L'alba di luna sul bosco* e o extra *Ma fiancée* de Schumann. E entre estes, dous empolgaram mais que qualquer outro: *L'amour de moi* e *Revenez, amour, revenez...*

FESTA DA PAZ. — Na sua séde, em a noite de 21 de maio, realizou a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino uma sessão commemorativa do DIA DA PAZ, ultima da SEMANA DA BONDADE, organizada em S. Paulo por D. Alice Toledo Tibiriçá.

Foi uma festa de arte em que figuraram a oratoria, a musica e a poesia.

Abrindo a sessão, produziu breve mas linda e conceituosa allocução, a insigne musa brasileira D. Maria Eugenia Celso, exhortando as consocias a todas as mulheres a realizarem o pensamento de Gustavo Le Bon: o desarmamento moral, precursor indispensavel e necessario do desarmamento material, sonho que só a mulher é capaz de transformar em realidade.

Em francez, defendendo os ideaes pacifistas, reconhecendo a supremacia dos principios humanitarios sobre os interesses civicos, da Humanidade sobre a Patria, e illustrando a oração com palavras de Pascal e Romain Rolland, pronunciou tambem outra bella allocução, Mme. Madeleine Manuel.

D. Anna Amelia, a excelsa poetisa de *Alma*, disse, com a encantadora naturalidade de sempre, um dos seus bellos sonetos, intitulado *Guerra mas em prol da Paz*, e leu a sua mais recente poesia: traducção de versos de um joven allemão morto na guerra mundial, que são bellissima elegia inspirada pela dor sem par das mães vendo morrerem os filhos devorados pelo monstro dos monstros, que é a guerra.

D. Lou Nordfolk, cantora viennense, deliciou o auditorio com producções de Schubert e outros autores, inclusive um brasileiro, de quem cantou os *Dois amores*.

Disseram, com applausos geraes, versos de sua lavra as poetisas, sra.

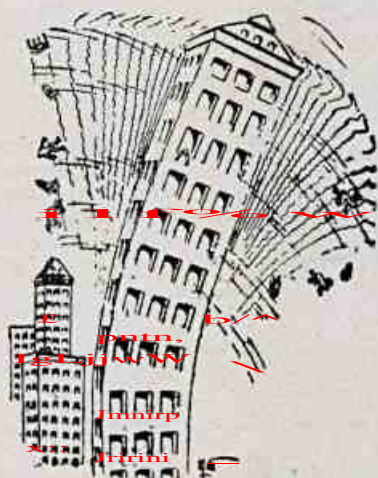
Henriqueta de Abreu e srta. Beatriz dos Reis Carvalho.

Declamou, com desusado primor em tão tenra idade, as poesias *Anãozinho, Verde* e *Historia da carochinha* — a menina Ivonne Muniz Barreto.

Finalmente, a pedidos insistentes do auditorio, d. Maria Eugenia Celso recitou com a costumada verve a sua Poesia burlesca — *Seu moço dos óio claro.*

Deixou em todos que a ella assistiram e a ovacionaram, as melhores impressões, a grande pequena festa da Paz.

A nós provocou o silencioso commentario que em synthese ora aqui exornamos. E' que a Paz, a Paz Universal, só se realizará pela regeneração das opiniões e dos costumes. Mediante uma doutrina universal, uma religião verdadeiramente catholica, sem mysterios nem absurdos, onde a pratica do bem, do verdadeiro e do bello, resulte apenas de motivos humanos e terrestres, demonstrados pela Sciencia, embellezadas pela Arte e aperfeiçoados pela Industria; sublime doutrina, em que a Mulher é a primeira figura, a imagem da Deusa, o emblema da Humanidade... Só então reinará a Paz, a Paz relativa como tudo o mais; só então, se terá realizado o desarmamento moral a que allude Gustavo Le Bon.

Antes, porém, do advento desse futuro, cuja elaboração está se fazendo apesar de todas as apparencias contrarias, e de que é exemplo o proprio movimento feminista — o qual represeuta essencialmente essa *Revolução Feminina*, de que fala Aug. Comte; emquanto estiver se processando o desarmamento moral, medida urgente e immediata, para garantir a paz e evitar a guerra, é a instituição da Policia Internacional,

CONSTRUCÇÃO AMERICANA. — Um locatario do andar 64 fechou um tanto bruscamente a porta do seu quarto...

que foi sugerida, que sugerimos em 1919 (*Jornal do Commercio*, e d. v. de 6 de março de 1919) e que a França acaba de defender officialmente no Congresso de Genebra. Como há policias nacionaes para manterem a ordem material interna de cada nação, haverá tambem a Policia Internacional para manter a ordem material externa entre as nações. Fóra dahi, tudo são... ciladas pacifistas, em que povos ainda de moralidade social inferior, apesar dos seus chamados progressos scientificos e industriaes, procuram dominar, não só os povos que lhe são realmente inferiores, mas ainda os que o excedem em valor social e moral, e pregam o desarmamento universal immediato em nome de uma pretendida Paz.

Applaudimos sem restricções a cruzada feminina pela Paz, mas "sempre consiliante de facto e inflexivel em principio", advoguemos como medida transitoria a instituição pela Liga das Nações, da Policia Internacional, apparelho necessario para manter o ambiente indispensavel á realização do desarmamento moral, que levará afinal ao definitivo desarmamento material.

Ainda uma vez a Mulher realizará a sua obra civilizadora, que foi e tem sido sempre, a de melhorar o homem, emquanto o homem melhora o mundo.

O AMULETO

DEIXA-ME explicar-te o assumpto, Jimmy — disse a moça, em tom preoccupado e ansioso. — Tu não passas de um artista de pequeno *vaudeville*. Nunca fizeste outra coisa e nunca poderás mudar de vida. Odeio a idéa de abandonar-te. Mas, quando uma opportunidade como esta se atravessa em meu caminho, como posso repellil-a?

As irregulares e attrahentes feições do rapaz distenderam-se em um sorriso forçado.

— Eu seria o primeiro a aconselhar-te que agarrasses a occasião pelos cabellos, Clara, si te julgasse capaz de desempenhar-te a contento, na nova posição. E's joven, bonita, e tens uma figura graciosa... Mas, querida, tu tambem não és outra coisa além de uma artista de *vaudeville* de segundo plano. Fracassarás entre artistas de primeira categoria.

Clara enrubesceu, presa da maior indignação.

— Max não partilha de tua opinião. Estrearei a titulo de experiencia, em uma pequena cidade, e depois me apresentarei em Broadway.

— Fazendo o que?

Jimmy Marvin aproximou a cadeira em que estava sentado. E proseguiu:

— Francamente, querida, si julgasse que tens o talento requerido, eu seria o primeiro a animar-te. Mas não quizéra que te desilludisses. Tu e eu formamos um bom par. Tivemos no passado quanto trabalho quizemos, e estou certo de que jamais nos faltará. Havia pensado...

Deteve-se, vacillante, e olhou ao longe.

— Sim..., já o sei, Jimmy. Eu tambem te tenho muita estima. Mas esta é a opportunidade de minha vida, e...

— Escuta-me, Clara. Tu não sabes fazer outra coisa sinão falar lindamente e cantar aquelle novo canto com estribilho. Oh! Oh!, que mantém todo mundo enthusiasmado. Mas, ainda no caso de isso agradar em Broadway, no principio, depressa cansariam e te esqueceriam.

Clara poz-se de pé, violentamente, com o rosto afogueado e presa de um sentimento de que participavam a indignação e uma confusa sensação de culpabilidade. Depois de tudo, ella sabia que Jimmy a amava e, por seu lado, temia ter-lhe mais affecto do que convinha a sua futura carreira theatral.

— De qualquer modo, resolvi partir — disse ella, desafiadora. — O contracto está firmado.

Seu compromisso e o de Jimmy terminaram duas semanas mais tarde. Durante esse tempo, Clara mostrou-se irritavel, sem que ella mesma comprehendesse a razão. Talvez fôsse porque ella e Jimmy houvessem sido felizes trabalhando juntos como artistas de vaudeville, talvez porque houvessem aprendido a gostar-se muito... e porque ella se sentia muito egoista... e um pouco assustada.

Depois se despediram. Docemente, elle tocou o hombro do vestido della.

— Esqueceste teu amuleto, querida — disse-lhe, com ar preoccupado.

— Não — contestou ella; — deixei-o por minha propria vontade. Não precisarei delle em meu novo posto.

Jimmy franziu a testa e sua mão tocou o pequeno objecto sob sua

NAUFRAGIO — Troca-me esta por uma azul!

De Octavio Cohen

camisa. Todos os actores que elle conhecia, até os mais insignificantes, traziam sempre comsigo um amuleto. Vagamente conhecia a origem de tal habito. Nos velhos tempos de duro trabalho em tournées por pequenos povoados e villas, cada artista levava, suspenso ao pescoço, um saquinho contendo um bilhete de cem dollars, quantia sufficiente para poder voltar a Nova-York de qualquer ponto onde lhe occorresse um desastre.

O pequeno sacco e seu precioso conteúdo davam uma sensação de segurança, tanto espiritual como physica. A tradição estava firmemente assentada no cerebro de Jimmy Marvin, e esta é a razão da dolorosa surpresa que experimentou ao saber que Clara havia atirado, descuidadamente, o seu ao fundo de seu bahú.

E, assim, Clara sahiu da vida de Jimmy e continuou seu caminho desejando a seu amigo toda sorte de ventura. Aquella noite, e durante muitos, muitos mezes, Jimmy sentiu-se preso da mais negra desolação. Esperava poder juntar sufficiente coragem para pedir a Clara que se casasse com elle... e convencel-a para que acceitasse a proposta.

Quanto a Clara, o pesar que a separação lhe pudera produzir se dissipou abruptamente na terra promettida de Nova-York e o êxito.

Converteu-se no terceiro phenomeno theatral do anno. Uma joven bonita e attrahente, cuja habilidade artistica era quasi nulla, que havia acertado com alguma coisa que alcançou popularidade immediata.

Clara havia comprado um canto a um compositor desconhecido — uma pequena melodia absurda com versos ridiculos que ella cantava com sua vozinha doce, e alta. Chamava-se "Oh! Oh! Oh-oooh!" e sem razão alguma se tornou popularissima. No curto espaço de seis mezes, ella era nacionalmente conhecida com o nome de "Oh! Oh! Clara". Em todo o paiz, todas as orchestras de baile tocavam a melodia e todas as moças procuravam imitar o fascinante modo de cantar de Clara.

As estações de radio disputavam-na. Na temporada seguinte appareceu, em um papel importante de uma comedia musical, em Broadway, e, finalmente, uma companhia cinematographica filmou, com ella no papel de protagonista, uma pellicula intitulada: "Oh! Oh! Clara!".

Durante os primeiros seis mezes, embriagou-se com o vinho do êxito. Depois começou a notar que alguma coisa faltava a sua felicidade... Jimmy. Escreveu-lhe, e elle respondeu com amavel frieza. Ella tornou a escrever, repetidas vezes, lutando em vão por vencer seu orgulho ferido... Jimmy, o insignificante artista de variedades que ella amava e que não podia obter.

De repente, tão subitamente como havia nascido, sua popularidade desappareceu. Clara vivia como uma princeza, tendo-se adaptado rapidamente a uma vida de luxo e esplendor. A pellicula foi um completo fracasso. Procurou, desesperadamente, lançar novas canções, e fracassou em seu intento. Tendo sido elevada até o pináculo da gloria por um canto inteiramente absurdo, não teve a habilidade necessaria para manter-se em seu posto, substituido por outros o capricho que perdêra tal poder de attracção.

Sua descida ao anonymato tardou menos de dois annos. Broadway fechou-lhe as portas, e pouco a pouco Clara se viu trabalhando numa companhia rodante, de va-

(Cont. na pag. seguinte)

— A que velocidade estamos?
— Impossivel saber: o meu velocimetro só está graduado até 150...

riedades, muito inferior em importancia áquellas em que trabalhava com Jimmy.

Depois chegou o dia em que não poude mais conseguir contracto. Estava só, pobre e desalentada. Seu curto éxito e a vida de luxo que este lhe havia permittido conhecer tornavam mais duro o revez da sorte. Não podia voltar a Jimmy, pois, o ferira cruelmente e tinha, além disso, muito orgulho para pedir-lhe auxilio.

Chegou a ter fome e recordou então o passado seguro e feliz. Em alguma parte, entre seus affectos, estava o velho saquinho da sorte. Con-

O AMULETO

(CONCLUSÃO)

tinha cem dollars, uma somma que, nas actuaes circumstancias, equivalia a uma fortuna. Era para casos como o seu que aquelle amuleto se reservava, e até aquelle momento de horrivel depressão ella esquecêra sua existencia.

Revistou ansiosamente seu bahú. Si o saquinho se houvesse perdido! Mas não, ali estava. Com dedos tremulos tirou a nota... e com ella um pedaço de papel. Desdobrou-o e reconheceu a letra de Jimmy Marvin.

"Querida: si nunca lêres estas linhas, será porque estás pobre e vencida; por isso, não tento escrever-tas. Conheço-te bem e sei que não recorrerás a teu saquinho de sorte, a menos que os tempos sejam muito duros, e, assim, espero, por teu bem, que nunca leias estas linhas. Mas si as lêres, querida, significarás que precisas de mim. Não me permittirás que eu vá em teu auxilio?"

Meia hora depois, um empregado dos telegraphos voltou-se para seu companheiro de trabalho.

— Viste essa moça bonita que acaba de se retirar daqui, Joe? Viste? Acaba de dictar-me o mais estupendo telegramma que eu já vi. E' dirigido a um typo a quem só falta pedir que se case com ella. Para que vejas como as apparencias enganam. Ao vêl-a, suppuz que estivesse inteiramente fallida. Mas enganei-me lamentavelmente. Imagina que ella me pagou com uma nota de cem dollars, e me jurou ser a menor que possuia. Que sorte tem certa gente!

---

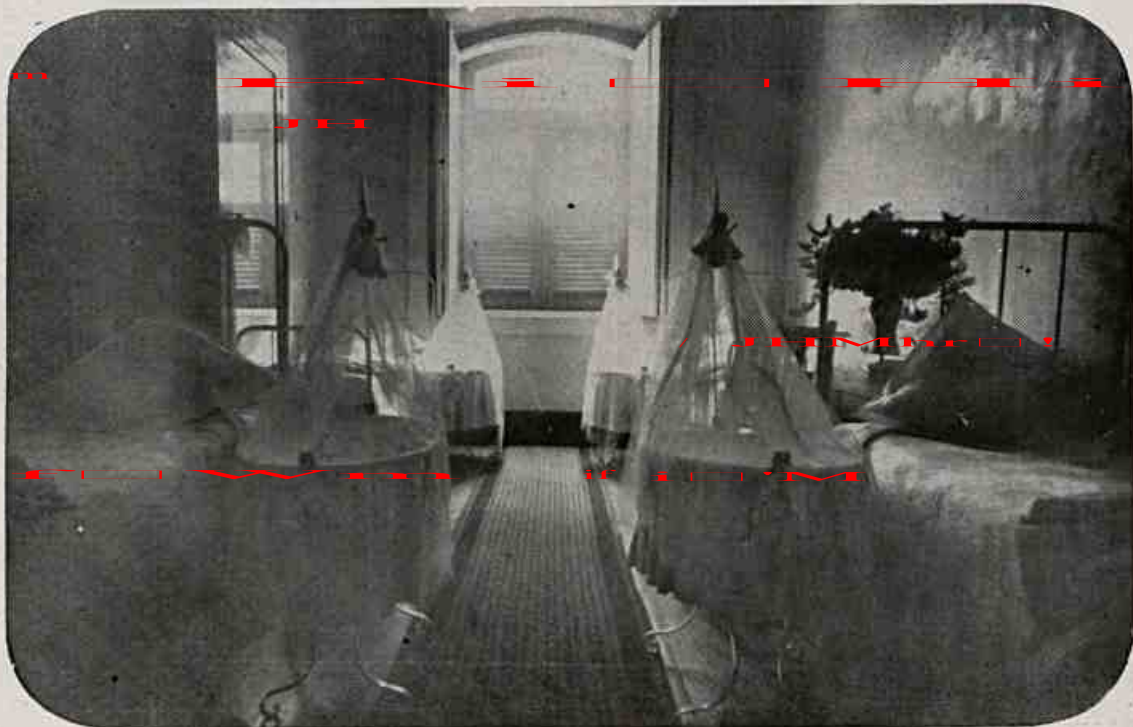
rou, desde então incapaz de tocar no filho. O pequeno foi ter com a mãe, que dormia no convez, cahiu no mar e foi Elaine que o salvou.

Formava-se, assim, um abiente de franca hostilidade contra Ilanu, que, vendo-se desamparada, se manteve em um abatimento profundo até á chegada ao porto. Ali despediu-se, através dos vidros de uma janella, do pequeno, tomou

A L O H Á

(Conclusão)

uma embarcação e deu á praia, dirigindo-se ao vulcão vingador da deshonra das mulheres de sua raça. Jimmy soube por Elaine que Winnie fôra culpada da scena de escandalo promovido por Ilanu e, quando Jimmy procura a esposa, já não a encontra a bordo.

Desesperado pelo mysterio que precipitára em sua vida, o rapaz toma uma lancha e vae em soccorro de Ilanu não conseguindo salval-a, porém, uma vez que o "Deus do Fogo" já reclamára sua victima, redimindo o erro daquelle amôr que não fôra coroado de felicidades...

UM PRECURSOR — O primeiro millionario norte-americano... foi um francez! Chamava-se Estevan Girard e era um marinheiro de Bordeaux que, cansado do mar, resolveu fixar-se em Philadelphia, onde abriu uma casa de bebidas, um *bar*. Graças á sua affabilidade e boas maneiras e aos excellentes vinhos que vendia, o seu negocio prosperou rapidamente e já havia reunido uma bella fortuna quando rebentou a rebellião dos colonos inglezes. Em taes circumstancias, o governo provisorio chamou a auxilial-o todas as pessoas capazes e Girard, que tinha sido mestre carpinteiro, offereceu seus serviços a Jefferson e Franklin, sendo nomeado chefe de construcções navaes.

Os navios construidos sob sua direcção alcançaram, dentro de pouco, grande fama não só pela sua solidez como pela sua ligeireza nas manobras.

Terminada a guerra e affirmada a independencia dos Estados Unidos, Girard deu

maior impulso ao seus negocios, construindo grande quantidade de navios mercantes.

Pelos principios do seculo XIX o antigo marujo era tão rico, que chegou a auxiliar com grande quantia o Banco Federal, então em vias de suspender seus pagamentos.

Quando falleceu, em 1823, sua fortuna era de dez milhões de dollares, somma enorme para a epoca. Não tendo herdeiros, Girard legou o que possuia a varias instituições de beneficencia de sua patria adoptiva.

BANDAS DE MUSICA — Entre as mais celebres figura a da Guarda Ingleza, constituida ha mais de seculo e meio. Em 1783 compunha-se apenas de oito musicos, aos quaes se reuniram, mais tarde, vinte e quatro musicos allemães. Em 1856, o tenente Godfrey assumiu sua direcção, dando-lhe uma fama universal.

Tambem foram famosas, a banda dos Dragões Prussianos, formada em 1812; a dos Granadeiros Austriacos, a da Guarda Imperial da Russia e a da Guarda Republicana de Paris.

*

PLANTAS ANTIMUSICAES — Um naturalista demonstrou que muitas das plantas que adornam os salões de baile ou de concerto fecham ou fazem pender suas folhas quando começa a musica.

Simples aversão musical ou effeitos das correntes de ar que os pares produzem ao bailar?

O CELIBATARIO ARISTOCRATA

(SHERLOCK HOLMES) — POR CONAN DOYLE

O casamento de lord Saint-Simon, e o seu curioso desenlace, cessou ha muito tempo de ser o assumpto interessante entre o meio aristocratico que constitue a roda do malfadado conjuge. Vieram eclipsal-o novos escandalos, e os respectivos e mais saborosos pormenores desviaram as palestras daquelle drama, velho já de quatro annos.

Os factos, porém, que lhe andam ligados nunca chegaram a ser cabalmente conhecidos do publico, e como, o meu amigo Sherlock Holmes participou amplamente da solução do problema, eu, no acto de publicar estas memórias, ficaria julgando que faltava á minha palavra deixando de relatar um episodio de tanta singularidade.

No tempo em que eu residia em companhia de Holmes, em Baker Street o meu amigo ao regressar de um passeio, encontrou uma carta em cima da mesa da sala. Eu não sahira em todo o dia; o tempo estivera chuvoso e ventoso; e eu padecia por motivo da bala que os Ghazis me haviam mettido no corpo durante a minha campanha no Afghanistan, e que não fôra possivel extrahir. Estirado pois numa cadeira, com as pernas cruzadas, cercara-me de uma pilha de jornaes. Lidos que foram, do primeiro até o ultimo e dispersos em redor de mim para ali fiquei repoltreado a espreguiçar, sem pensar cousa nenhuma, a mim proprio perguntando de quem seria aquella carta, cujo sello brazonado eu tinha á vista.

— Tem ahi uma carta elegantissima, disse eu a Holmes assim que este entrou. Estabelecem singular contraste esta e as que recebeu esta manhã, e que, se me não engano, eram escriptas por um peixeiro e um guarda da alfandega.

— Diz bem; a minha correspondencia, effectivamente, apresenta os attractivos da variedade, respondeu sorrindo, e as missivas mais humildes são por vezes as mais interessantes. Esta fareja-me que será uma desses arreliadores convites — já para me dar maçada, já para mentir.

Rompeu o lacre, e poz-se a ler a carta.

— Ho! ho! Palpita-me que desta vez o assumpto não será nem por isso muito banal.

— Não se refere a nenhum caso mundano, segundo vejo?

— Não, não, é materia absolutamente profissional.

— E vem de um membro da aristocracia?

— De um dos primeiros da Inglaterra.

— Os meus parabens, caro amigo.

— Affirmo-lhe, Watson, e isto sem a minima affectação, que a posição social de qualquer dos meus clientes me é indifferente em absoluto; jamais considero outra coisa que não seja o maior ou menor interesse do negocio, e é possivel que esta que aqui tenho apresente uma tal ou qual dóse de interesse. Tem lido os jornaes, assiduamente, não é verdade?

— Que remedio! disse eu melancolicamente, apontando para o avultado monte, de jornaes, que jazia a um canto. Não tenho mais que fazer!

— Ainda bem, pois talvez me possa informar. Nunca leio senão as noticias judiciaes e as correspondencias pessoaes. Estas são sempre instructivas. Mas se está bem informado das noticias, deve conhecer aquella historia de lord Saint-Simon e do seu casamento.

— Conheço, sim. Segui-a com o maximo interesse.

— Optimamente. Esta carta é do proprio lord Saint-Simon. Vou ler lh'a, e em troca procure-me nestes jornaes tudo o que se refira ao assumpto. Ouça o que elle me diz:

"Meu caro senhor Sherlock Holmes.

Affirma-me lord Bachwater que posso confiar de modo absoluto na sua intelligencia e na sua não menor discreção.

Decidi-me pois a procural-o, e a consultal-o ácerca do assumpto do penosissimo incidente que se deu com o meu casamento. Mr. Lestrade de Scotland-Yard, acha-se já incumbido deste negocio, mas afiança-me que não vê o minimo inconveniente na sua cooperação, e que a considera muito util, até. Irei á sua casa ás quatro horas da tarde, e se acaso tiver algum compromisso a essa hora ouso esperar que me reservará alguns minutos de attenção pois tenho que expôr-lhe um caso da mais alta importancia.

Com a maxima consideração

Roberto Saint-Simon."

— Está datada de Grovesnor-Mansions, foi escripta com penna de pato, e o nobre lord estava com tal azar que sujou de tinta a orla exterior do dedo minimo da mão direita, observou Holmes tornando a dobrar a carta.

— A's quatro horas, disse elle. São tres. Por conseguinte, deve estar aqui dentro de uma hora. Tenho, pois, tempo apenas, com o seu concurso, Watson, para me inteirar. Lance a vista por esses jornaes e po-

nha-me por ordem de data esses artigos, emquanto eu vou ver quem será este nosso cliente.

De entre uma série de annuarios que estavam em cima da pedra do fogão escolheu um de capa encarnada.

— Ei-lo aqui, disse, sentando-se, pondo o livro sobre os joelhos e abrindo-o:

"Roberto Walsinghan de Vere Saint Simon, filho segundo do duque de Balmoral" Hum!

"Brazão de armas: azul, com as tres cruzes de Malta e faixa negra. — Nascido em 1846."

Tem quarenta e um annos, edade um tanto madura para tomar estado. "Exerceu o cargo de sub-secretario das colonias durante o ultimo ministerio.

O duque, seu pae, foi, em um dado momento, ministro dos negocios estrangeiros. Descendem em linha recta dos Plantagenets, e dos Tudors, pelas mulheres".

Ora adeus! não vejo nada de muito instructivo em tudo isto. Creio que terei de recorrer ao seu auxilio, Watson, para obter informações mais sérias.

— Nada mais facil respondi, pois são resentissimos os factos, e impressionaram-me sobremodo. Não lhe tinha falado nisso, attendendo á circumstancias de saber que já tinha na forja outro inquerito, e que não gosta em taes casos, de que o desviem do fim a que se propôz.

— Ah! sim, refere-se ao problemazinho da carroça de mudanças de Grosvenor-Square; está totalmente tirado a limpo, e a solução do restante mettia-se pelos olhos desde logo. Vejamos dê-me cá o resumo dos artigos de jornaes.

— Temos aqui a primeira menção deste caso: encontra-se no *Morning Post*, com o titulo de "Pessoal" e o artigo data já de algumas semanas:

"Annunciam o proximo casamento de lord Roberto "Saint-Simon, filho segundo do duque de Balmoral, "com Miss Hatty Doran, filha unica de Aloysus Do-"ran, Esquire, de São Francisco, California — Es-"tados-Unidos." — E mais nada.

— Claro e conciso, observou Holmes, acercando-se do lume, para aquecer as pernas.

— Parecia-me ter visto uma local mais circumstanciada, em uma das folhas mundanas da mesma semana. Ah! Cá está ella!

"Vae-se tornando urgente applicar o proteccionismo "ao nosso mercado matrimonial, visto que os prin-"cipios vigentes se nos afiguram perigosos para os "nossos productos nacionaes. Uma após outra, as ca-"sas illustres da Grã Bretanha contraem allianças "com as nossas primas de além do Atlantico.

"A lista dos premios ganhos por estas tão attrahen-"tes invasoras cresceu ainda a semana passada. Lord "Saint-Simon, que durante vinte annos se manifestara "rebelde ao casamento, acaba de annunciar official-"mente o seu proximo consorcio com Miss Hatty Do-"ran, a seductora filha de um millionario da Cali-"fornia. Miss Doran, cuja airosissima figura e cujo "rosto encantador tanto haviam dado nas vistas du-"rante as festas de Westburg-House, é filha unica, e, "segundo a voz constante, o seu dote será represen-"tado por mais de seis algarismos, não contando com "as esperanças no futuro.

"E' publico e notorio o haver o duque de Balmoral "visto na necessidade de vender os seus quadros, ha "já annos, e como lord Saint-Simon não possue outra "propriedade, além do pouco importante dominio de "Birchmoor, torna-se evidente não ser a herdeira ca-"liforniana a unica a encontrar vantagens em uma "alliança a qual, coisa aliás facil em nossos dias, virá "a transformar uma republicana em uma grande se-"nhora ingleza."

— E nada mais? indagou Holmes, bocejando.

— Perdão, ainda não acabei. No mesmo *Morning-Post* encontro tambem um artigo dizendo que o casamento se effectuará na mais restricta intimidade, e seria celebrado em S. Georg Hanover Square, que apenas seriam convidados meia duzia de amigos, e que depois da cerimonia iriam para a residencia de Lencaster Gate, que alugou já mobilado, Mr. Aloysius Doran. — Dois dias depois isto é, na quinta feira passada, — contam que se effectuou o casamento, e que a viagem de nupcias terá por objectivo a residencia de lord Bachwater, nas cercanias de Petersfield.

E eis tudo o que foi publicado antes do artigo annunciando a desapparição da nubente.

— Antes de que? — atalhou Holmes, dando um salto na cadeira.

— Da desapparição da nubente.

— E quando foi que desappareceu?

— Durante o almoço depois da cerimonia.

— Deveras! Declaro-lhe que é muito mais interessante do que o suppunha a principio, é muitissimo dramatico, até.

— E', afigura-se-me sahir um tanto do vulgar.

— Tenho visto um bom par de desapparições anteriores á cerimonia, e ás vezes anteriores á lua de mel; mas não sei de exemplo algum de fuga tão rapida. Leia-me os pormenores, faça-me esse favor.

— Previno-o de que são incompletos.

— Talvez se lhes possa dar remedio.

— Aqui está um artigo em um jornal da manhã, onde os encontrei a todos condensados. Intitula-se: *Incidente singular em um casamento grado*.

"A familia de lord Roberto Saint-Simon acha-se "immersa em grande consternação, motivada pelos "singulares e penosos incidentes que se deram com "o casamento d'aquelle fidalgo. Effectuou-se hontem "a cerimonia, conforme o haviam annunciado os jor-

(*Continúa na pag. seguinte*)

"paes. Só hoje nos foi possivel verificar os extraordinarios boatos espalhados n'essa occasião. A despeito dos esforços envidados pelos amigos da familia "no intuito de abafar o caso, veiu este a cahir no dominio do publico e não ha o minimo interesse em guardar silencio ácerca de um acontecimento que hoje é assumpto de todas as conversações.

"A cerimonia, muitissimo singela, effectuou-se em Saint-Georg, Hanover — Square, assistindo unicamente o pae da noiva, Mr. Aloysius Doran, a duqueza de Balmoral, lord Backwater, lord Eustace, e lady Clara Saint-Simon, irmãos do noivo, e lady Alice Wittington. Em seguida dirigiram-se todos para casa de Mr. Aloysius Doran, em Lancaster Gate, onde os esperava um sumptuoso almoço. Segundo parece, em um dado momento uma mulher, cujo nome se ignora, tentou entrar á viva força no palacio, pretendendo ter direitos sobre a pessoa de lord Saint-Simon. Isto deu causa a um tal ou qual reboliço. E só depois de uma scena tão afflictiva quanto prolongada, conseguiram expulsal-a, o mordomo e o lacaio.

"A noiva, que por um feliz acaso, havia chegado antes de se haver dado o incidente a tal ponto desagradavel, sentara-se á mesa com os convidados. Sentindo-se, porém, subitamente indisposta, recolheu, d'ali a instantes, ao seu quarto. Prolongando-se a sua ausencia, foi buscal-a o pae, e soube então da bôcca da creada, que ali se demorara apenas o tempo indispensavel para pôr uma capa e um chapéo, descendo em seguida pela escada abaixo. Um dos lacaios declarou ter visto sahir de casa uma senhora com uma capa comprida, mas nem por sombras lhe occorrera que fosse lady Saint-Simon.

"Desde que teve noticia de semelhante desapparição, Mr. Aloysius Doran, em companhia de seu genro, procurou o auxilio da policia, e apresentou a sua queixa.

"O inquerito a que se está procedendo actualmente, esperamos que esclarecerá com brevidade caso tão singular. E todavia, hontem á noite, á ultima hora, não havia o minimo indicio com respeito ao esconderijo de lady Saint-Simon. Receia se que tenha havido crime, e consta que a policia capturou a dama que tentara entrar á viva força no palacio.

"Suppõe-se que, fosse por ciume, fosse por qualquer motivo, a dita senhora tenha representado um papel n'este caso."

— E ficamos só ahi?

— Ha ainda uma local um tanto suggestiva em outro jornal da manhã.

— E diz?

— Que Miss Flora Millar, a dama alludida, se acha encarcerada. Fôra bailarina no *Allegro*, segundo parece, e conhecia o noivo havia annos. E sem mais pormenores. E agora está informado ácerca de tudo que foi publicado a respeito d'esse casamento.

— E' interessantissimo. Nem a troco de um imperio quizera ter perdido ensejo de estudar uma causa assim. Mas, tocaram a campainha, Watson, e como são quasi quatro horas, não duvido de que seja o nosso cliente aristocratico. Não se vá embora. Prefiro dispôr de uma testemunha, quando mais não seja, para fiscalizar as minhas proprias reminiscencias.

— Lord Robert Saint-Simon, annunciou o *groom* abrindo a porta e dando entrada a um gentil-homem de physionomia agradavel e intelligente. Invadia-lhe o semblante uma certa pallidez. De nariz comprido, bocca voluntariosa, olhar sereno e firme de homem nascido para mandar e ser obedecido. Havia agilidade nos seus movimentos; as costas

porém, um tanto alquebradas e uma leve curvatura dos joelhos faziam com que parecesse mais velho do que effectivamente era. Quando tirou o chapéo de abas muito reviradas, notámos que os seus cabellos eram grisalhos nas temporas e que rareavam no alto da cabeça. Era apuradissimo o seu trajar, requintado até. Usava collarinho muito alto, sobrecasaca preta e collete branco, luvas amarellas, botinas de verniz e polainas alvadias. Adiantou-se vagarosamente pelo quarto dentro, mirando á direita e á esquerda, a mão direita brincando com o cordão da luneta de aros de ouro.

— Muito bons dias, mylord Saint-Simon, disse Holmes, erguendo-se para o cumprimentar. Queira sentar-se, e permitta-me que lhe apresente o doutor Watson, meu amigo e collega. Aproxime-se do fogão, por quem é, e exponha-me o seu caso.

— Um caso dos mais penosos para mim, conforme pode suppor, senhor Holmes. Veio ferir-me no amago. Affigura-se-me que já tenha resolvido mais de uma questão delicada do mesmo genero, mas presumo que os heroes não tenham sido pessoas de alta sociedade.

— Devo confessar-lhe que d'esta vez desci um furo.

— Que me diz??

— O meu ultimo cliente, em caso analogo, era uma testa coroada.

— Deveras! Por essa não esperava eu. E qual d'elles?

— O rei da Scandinavia.

— Que me diz! Procuraria acaso a esposa?

— Comprehenderá, certamente, retorquiu Holmes, com brandura, que trato os negocios dos outros meus clientes com a mesma discreção que me cumpre observar no seu.

— Naturalmente! E' justo! Justissimo! Acceite as minhas mais sinceras desculpas. Pelo que me diz respeito, promptifico-me a fornecer-lhe quaesquer informações que possam ser-lhe uteis.

— Muito obrigado. Estou sciente de tudo o que foi publicado, e nada mais. Queira dizer-me por exemplo, se este artigo relatando a desapparição da lady Saint-Simon, é rigorosamente exacto?

Percorreu o artigo lord Saint-Simon e disse:

— E' tudo verdade.

— Isso porém não basta para firmar a minha opinião. Creio que o modo mais simples seria o interrogal-o.

— Não lhe peço outra coisa.

— Quando foi que encontrou Miss Hatty Doran pela primeira vez?

— Em São Francisco, ha um anno.

— Viajava pelos Estados Unidos?

— Viajava.

— Trataram casamento n'essa occasião?

— Não, senhor.

— Existiam entre ambos boas relações de amizade?

— Achava-a muito agradavel e divertida; e ella, certamente, percebeu-o.

— O pae é rico?

— Dizem ser o homem mais abastado em toda a costa do Pacifico.

— E como foi que enriqueceu?

— Nas minas. Não tinha nada de seu, ha annos. Encontrou um filão, collocou bem os seus capitaes, e enriqueceu depressa.

— E agora, qual é a sua opinião ácerca do caracter d'essa menina.... de sua esposa?

O gentil-homem meneou, nervoso, a luneta, e não despregou os olhos de cima do lume.

— Eu lhe digo, senhor Holmes, minha mulher contava vinte annos quando o pae veiu a ser um ricaço. Estava afeita a correr sózinha pelo acampamento dos mineiros, a andar á solta por montes e florestas, de modo que se educou a si propria em face da natureza, e que nunca recorreram em seu favor ao auxilio de professores. E' aquillo a que nós em Inglaterra damos o epitheto de mulher de armas, dispondo de

(Continúa na pag. seguinte)

constituição vigorosissima, independente por indole a par de indisciplinada e alheia a toda e qualquer tradição. E' impetuosa, vulcanica, ia eu dizer, rapida em suas decisões, levando-as a effeito sem que a preoccupem as consequencias. E não obstante, eu, se acaso a não julgasse dotada de elevados sentimentos (aqui tossiu o lord com assomos de dignidade) nunca lhe haveria dado o nome que tenho a honra de representar. Considero-a capaz dos mais heroicos sacrificios, e tenho a certeza de que lhe seria impossivel praticar qualquer acto deshonroso.

— Possue alguma photographia de sua esposa?

— Trago commigo esta.

Abriu um medalhão, e mostrou-nos o retrato de uma mulher encantadora. Não era uma photographia, mas sim uma miniatura em marfim e o artista reproduzira a primor os cabellos negros de azeviche, os olhos grandes, escuros, a bocca deslicadissima do modelo. Holmes examinou-a attento e demoradamente. Depois, fechou o medalhão, e restituiu-o a lord Saint Simon.

— Com que então veiu para Londres a dita menina, e foi ali que mylord teve occasião de a ver amiude?

— Foi; o pae trouxera-a comsigo, afim de passar ali a estação. Encontrei-a na sociedade, tratámos casamento, e em conclusão, desposei-a.

— E trazia-lhe, creio eu, um dote consideravel.

— Um dote conveniente apenas, conforme é uso na minha familia.

— E esse dote, bem entendido, fica em seu poder, agora que o casamento é facto consumado?

— Devo confessar-lhe que não sei uma palavra a tal respeito e que nem sequer o perguntei.

— Sim, sim, naturalmente. Tinha visto Miss Doran na vespera do casamento?

— Tinha.

— E estava alegre?

— Como nunca, e não cessava de fazer planos para a nossa vida conjugal.

— Deveras? E' do maximo interesse semelhante pormenor. E na manhã do casamento?

— Estava alegre quanto possivel, até depois da ceremonia, pelo menos.

— E' n'esse momento, observou-lhe mudança?

— Se quer que lhe diga, deu-me n'essa occasião uma prova da vivacidade do seu genio. O incidente, é comtudo, insignificante em demasia, para que eu o mencione; não pode ter importancia.

— Apesar d'isso, queira dizer-m'o.

— Ora! chega a ser infantil! A caminho da sacristia, deixou cahir o ramilhete, em cima do primeiro banco. Isto deu logar a uma paragem do cortejo, mas um senhor que estava sentado no banco apanhou-lh'o, e as flores, segundo observei, nada soffreram com a queda. Apesar d'isso, respondeu-me com modo desabrido, quando alludi ao caso, e na carruagem, entre a egreja e o palacio, pareceu-me agitada a ponto de se tornar ridicula. Deve concordar que o facto era insignificantissimo.

— Effectivamente. Referiu-se a um individuo que estava sentado no banco. Havia concurrencia?

— Certamente! E' impossivel tolher ao publico a entrada, achando-se aberta a egreja.

— E esse senhor não era pessoa das relações de sua esposa?

— Qual! Tratei-o de *senhor*, por cortezia ,era um homem vulgarissimo. E d'ahi apenas reparei n'elle. Mas quer me parecer que nos estamos afastando muito do nosso assumpto.

— Lady Saint-Simon achava-se então em uma disposição de espirito muito menos feliz no regresso da cerimonia do que quando foi para a igreja? E que fez quando voltou para casa do pae?

— Vi-a conversar com a creada.

— Que casta de creatura é essa mulher?

— Chama-se Alice, é americana e veiu da California com seus amos.

— E' pessoa de confiança?

— Na minha opinião, afasta-se do seu papel e a ama consente-lhe demasiadas liberdades. Actualmente, na America, não se têm, a semelhante respeito, modo de ver identico ao nosso.

— E quanto tempo esteve ella a conversar com a tal Alice?

— Minutos, apenas. Tinha mais em que pensar, e não lhes prestei attenção.

— E não ouviu o que diziam?

— Lady Saint-Simon falou em empalmar uma concessão, exprimindo-se na giria de que se servem mineiros. Não tenho a minima idéa do que queria dizer.

— A giria americana é por vezes muito expressiva. E que fez a sua esposa, concluida a conversação com a aia?

— Entrou na sala de jantar.

— Pelo seu braço?

— Não, senhor, sózinha. E' muito independente nos seus habitos de vida. Volvidos cinco minutos, approximadamente, levantou-se ex-abrupto, murmurou umas palavras como que se desculpando, e sahiu... Não tornou a voltar.

— Essa tal Alice, se bem me lembro, conta, porém, que sua esposa entrou no quarto, que disfarçou o vestido de casamento enfiando um *ulster* muito comprido, que poz o chapéo e sahiu?

— E' isso mesmo. Viram n'a mais tarde a passear em Hyde-Park, com a Flora Millar, uma que está presa actualmente, e que de manhã fizera tanto alarido á porta de Mr. Doran.

— Bem sei! Necessito de alguns pormenores acerca d'essa senhora e das suas relações com ella.

Lord Saint-Simon encolheu os hombros, franzindo os superciliós.

— Mantivemos relações de amizade, direi, até, de estreita amizade por espaço de annos. Estava

Allegro. Tratei-a com certa generosidade, e não tem razão de se queixar de mim, mas não ignora o que são mulheres, senhor Holmes; Flora, a despeito dos muitos attractivos e de me ser muito affeiçoada, tem o coração ao pé da bôcca. Escreveu-me cartas injuriosas, assim que lhe constou que eu ia casar, e, para lhe falar a verdade, eu, se insisti em que a cerimonia fôsse celebrada com tanto recato, era porque receiava um escandalo na igreja. Apresentou-se em casa de Mr. Doran, no momento em que recolhia-mos, e tentou entrar á força, servindo-se de expressões insultuosas tanto para minha mulher como para mim. Eu antevia, porém, uma tal eventualidade e dei ordens aos criados para a expulsarem. Assim que viu o pouco effeito de todo aquelle alarido, socegou.

— E sua esposa presenceara a scena?

— Não senhor, graças a Deus!

— E viram-n'a depois a passeiar com essa mesma mulher?

— Viram. E' isso justamente que Mr. Lestrade de Scotland Yard reputa um caso de extrema gravidade. Suppõe-se que Flora attrahisse minha mulher para a rua com o sentido de lhe armar uma qualquer cilada.

— E' plausivel.

— Parece-lhe?

— Eu não disse que era provavel, mas sim plausivel; não admitte semelhante hypothese?

— De modo nenhum; não acredito que Flora seja capaz de fazer mal a uma mosca.

— E comtudo, o ciume transforma de modo terrivel os caracteres. E qual é a sua opinião ácerca do occorrido?

— Na realidade, vim aqui para orientar e não para expôr a minha opinião. Contei-lhe tudo. Mas visto que deseja saber o que penso, dir-lhe-ei que, a commoção experimentada durante a cerimonia, a idéa da posição social a que de subito se via transportada, concorreriam talvez para produzir no cerebro de minha mulher qualquer desarranjo nervoso.

— Quer dizer que poderá ter enlouquecido?

— Realmente, quando me lembra que voltou costas — não direi a mim, seu marido, mas a quanto, no seu logar, muitas invejariam baldadamente — não posso encontrar outra explicação.

— Sim, é uma hypothese, não ha duvida, confirmou, sorrindo, Holmes. E agora mylord Saint-Simon, creio estar sufficientemente informado. Ah! Si se dignasse dizer-me ainda uma coisa? Do seu logar, á mesa, via-se a janella?

— Ficavammos defronte d'ella e podiamos ver o lado opposto da rua e o parque.

— Muito bem. Em vista do exposto, julgo desnecessario roubar-lhe mais tempo. Tenciono escrever-lhe.

— Se lhe couber em sorte resolver o problema, ponderou erguendo-se o nosso cliente.

— Já o resolvi.

— Onde está então minha mulher?

— Eis ahi um pormenor, do qual não tardarei muito em ter conhecimento.

Lord Saint-Simon meneou a cabeça, dizendo:

— Quer-me parecer que a solução d'este caso nem é para mim nem para o senhor.

E, cumprimentando com assomos de dignidade um tanto antiquada sahiu.

— Lord Saint-Simon honra-me sobre-modo collocando no mesmo nivel a minha intelligencia e a d'elle, disse Sherlock Holmes, a rir. E agora que já lá vae o interrogatorio, vamos saborear um copo de whisky com soda, e fumar um charuto. Já se achava assente a minha convicção ante até da entrada do nosso cliente.

— Vejamos, Holmes?...

— Annotei mais de um caso analogo, com a differença, porém, de que nenhum teve desfecho tão rapido. O meu inquerito mudou apenas em certeza a minha conjectura. O testemunho por inducção é por vezes muito convincente, e muito mais quando encontramos uma *truta dentro do leite*, citando o exemplo de Thoreau.

— Ora essa! Eu ouvi o mesmo que o amigo ouviu e nem por isso estou mais adiantado.

— Porque desconhece os factos analogos que me serviram de base. Deu-se um caso identico em Aberdeen, ha annos; outro do mesmo genero franco-prussiana. E' um dos taes casos... mas ahi vem o Lestrade! Bom dia! Ali tem um copo em cima do bufête, e charutos n'esta caixa.

O *detective* official envergara uma camisola de marinheiro, e a gravata, completando o traje concorria para communicar-lhe aspecto absolutamente nautico; trazia na mão um sacco de oleado. Cumprimentou seccamente, sentou-se, e accendeu o charuto que lhe offereciam.

— Que ha novo? indagou Holmes, piscando-me o olho de revez. Pelos modos não vem lá muito satisfeito.

— E não tenho razão para o estar. Trago ás minhas costas esse negocio diabolico do casamento de lord Saint-Simon; não tem ponta por onde se lhe pegue.

— Deveras? Isso para mim é surpreza?

— Já se viu negocio mais arrevezado? Não ha rastro que não tenha falhado. Estou farto de trabalhar o dia inteiro.

— E vem encharcado, disse Holmes, apalpando-lhe a manga da camisola.

— Pudera, se eu acabo de dragar em Hyde-Park o Serpentino!

— Mas para quê em nome de Deus?

— Em procura do corpo de lady Saint-Simon.

(*Continúa no proximo numero*)

CONFUSÃO DE CÔR...

HONTEM á tarde, estava eu esperando, á porta de uma sorveteria, um amigo afim de assistirmos á exhibição do ultimo film da Bertini, quando passou num bonde para Botafogo o Castreciano Fonseca.

Conhecem o Castreciano? Quem o não conhece. Elle já foi tudo nesta terra: deputado, escriptor, poeta, jornalista opposicionista, "páu d'agua", revolucionario authentico e dos de 24 de Outubro para cá, legionario, filiado a diversos clubs politicos, etc. Hoje é um Zé Ninguem, um titulo desvalorizado na Bolsa social. Já esteve mais alto que o "dollar" na ultima alta do cambio; hoje talvez não valha um "marco". Pois esse "mil reis" brasileirissimo, tão querido que foi das moças de seu tempo, é um dos meus melhores amigos.

Ha uns dez annos passados, quando cheguei ás então hospitas plagas amazonenses, era o Castreciano director-responsavel do "O Rebate", orgam de pequeno formato e de grandes ideaes, como lá estava, em "manchette". Assim que me viu, saltou e veiu postar-se ao meu lado. Nesse momento, passavam duas senhorinhas, dessas que pullulam muito pela nossa urbs e cuja ausencia de educação as tornam notaveis, as quaes olharam para o nosso original grupo formado pelo meu indefectivel monoculo preto e para a bizarra figura do jornalista. Elle é um typo muito esquisito, fazendo rir á primeira vista. Depois dos olhos

UMA GALLINHA IMPRESSIONAVEL — Eu não deveria nunca ter ido ao Jardim Zoologico antes de "chocar"!...

A CIDADE DE SAL

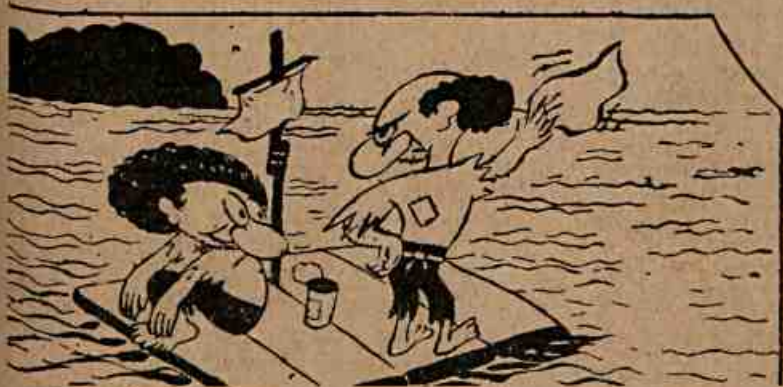
Em meio do deserto do Sahara ergue-se uma cidade triste e solitaria que contem uma centena de habitantes. Não é, porém, o numero de seus habitantes que chama a attenção para essa pequenina cidade, e sim a construcção de suas casas, cujas paredes são de sal e ennegrecidas pela acção do tempo. São, no emtanto, tão solidas e resistentes como se fossem levantadas pelo melhor cimento armado. A cidade é construida como uma verdadeira fortaleza. Uma só porta permitte accesso á mesma e, nas suas pequenas e estreitas, (apenas têem um metro e quarenta de largura) é impossivel ver-se a mais de dez metros de distancia. As casas parecem enormes pombaes. Entra-se nellas atravez de umas portas tão pequeninas que se é obrigado a agachar-se. Os habitantes dessa cidade fantastica são sujos, selvagens e sinistros como as suas ruas.

De Adonai de Medeiros

se terem habituado com os seus traços de caricatura, já não ha quem ria. Elle é o verdadeiro philosopho, não por economia e preguiça, como soem fazer certos individuos, mas por elogiavel desprendimento ás convenções mundanas. Assim, ainda usa a sua cabelleira de poeta, a sua gravata "á lavallière", collarinho ponta virada, chapéo de Chile, bengala de junco, e uns paletots recortados sob o modelo artistico do conhecido professor de desenho do Collegio Pedro II, Arthur Ferreira, daquelles de cinco botões, e abotôa o primeiro.

Foi essa, talvez, a razão das duas mocinhas se terem entreolhado, falado baixinho e soltado aquella gargalhada, unisona, picaresca, crystalina, como costumam dar as mulheres nessas occasiões. Pela parte do meu monoculo preto não me incommedei. Tanta gente ainda poderá a vir usal-o... Mas o meu amigo zangou-se e, sem poder detel-o, vi se dirigir a ellas e dizer bem alto:

— Senhorinhas. Ao passarem por mim, riram-se. Tenho a observal-as de que não estou vestido, nem de verde, nem de amarello...

Ellas lançaram olhares de despeito e raiva. Por pouco não chamaram o guarda-civil para cobrar os 20$000 da multa... E foram-se. Só então reparei no meu amigo: no seu eterno philosophismo tinha vestido um terno de casemira já esverdeado...

— Fazes signal a algum navio?
— Não. Estou caçando mosquitos...

O RUIDO PREJUDICA A SAUDE?

Uma commissão especial de medicos, reunida na Academia de Medicina de Paris acaba de estudar este assumpto e as conclusões a que chegou são terminantes: O ruido prejudica o trabalho intellectual e o torna mais penoso.

O somno soffre tambem sensivel diminuição, sendo menos aproveitado; os nervosos excitam-se intensamente e os deprimidos por excesso de trabalho não podem ter o necessario repouso cerebral.

Em resumo: o barulho impede o individuo de trabalhar e descansar normalmente, aggravando as tendencias morbidas dos neurasthenicos e póde ser considerado como um dos factores mais importantes no desenvolvimento da criminalidade.

UMA ESTRÉA DE SHAW

Num theatro de Londres estréava-se uma comedia de Bernard Shaw e, apesar dos applausos enthusiasticos do publico, no final de cada acto um espectador assobiava com toda a força de seus pulmões.

Quando Shaw se apresentou no scenario, redobraram os assobios do descontente. Então, o dramaturgo, pedindo silencio, perguntou ao assobiador:

— Olá, senhor, acha ruim esta comedia?

— Detestavel!

— Inteiramente de accôrdo com o amigo; mas que fazer se somos só nós dois contra todo o publico?

O AUTHENTICO

(A Jair Silva)

Os postes novos de aroeira, vermelhos e solennes, tinham vontade de enfileirar-se como soldados bem disciplinados numa parada mesmo parada, pelas ruazinhas tortuosas, descalças e cheias de declividades. E, no alto de cada um, a cabacinha de vidro esperava o momento de — «fructo diaphano e esplendente da civilização edsoniana — mostrar ás trevas da noite a positividade da sua luz victoriosa.

As fileiras de casas bem caiadas quasi se uniam, na solidariedade verde dos arcos de bambús, sob os cinemáticos applausos das bandeirolas polichromicas que o vento agitava mansamente.

Na praça principal, o corêto se escondia numa profusão variegada de leques de palmeira e bolas de papel-de-sêda. E, de dentro dos enfeites, a "Philarmonica Carlos Gomes" ribombava o inevitavel *ta-ra-ta-chim* do saudoso e inoffensivo Francisco Manoel.

As autoridades, rigidas e severas nas sobrecasacas cheirosas a môfo e um tanto amarrotadas pelo estagio obrigatorio nas velhas canastras de onde apenas sahiam para effeitos de eleições, procissões e enterros faustosos, as autoridades ostentavam o ar grave e competente da mais plena e absoluta convicção de superioridade humana.

E quando o "excellentissimo e patriotissimo senhor vereador municipal" (introducção do inflammado discurso commettido naquella tarde pelo professor Clarimundo) e quando o coronel Possidonio, entre a orgia apavorante da banda-de-musica, foguetes e dynamites e da massa de

---

LAGO DE CRYSTAL...

Naquelle lago azul, — alma de mansuetude
onde as garças do amor vão se banhar,
existe o branco da pureza,
o branco da virtude,
onde as garças do amor vão se banhar...
E' um lago de chrystaes e de pureza
onde soluça a musica da côr
núm arco-iris de amor...

Fios de sol, ás vezes, colorindo,
— lago de azul-marinho, —
núm mar de azul dourado, sacudindo
pennas d'ouro, devagarinho,
abrem o lago em luz, para encantar

MANDA - CHUVA

povo synchronizada com vivas ensurdecedores, mexeu na chave que devia promover o contacto dos dois polos e, consequentemente, inaugurar a nunca assaz ineffavel illuminação electrica do Districto Nosso Senhor Bom Jesus da Lapa, nessa hora verdadeiramente historica a que todavia a especulação ortodoxa dos Rocha-Pombos não ligára a minima importancia, — oh! que desapontamento da politica dominante no Districto: as lampadas continuaram apagadas e virgens como quando ali chegaram encaixotadas!

No mesmo instnte, com os olhos cheios de angustia e o coração minado pelo desejo das mais desaforadas e absurdas imprecações, toda aquella onda humana se moveu para dar passagem a um moleque que, ainda suarento e cansado pelo ardor da carreira, apenas poude jogar ao carão desolado do coronel Possidonio o doloroso recado do homem da usina:

— Siô Matheus mandou dizê qui a enchente carregou a reprêsa toda!...

Aquellas palavras cahiram como pedras de gêlo no enthusiasmo communicativo da multidão. Mas, no espirito do coronel Possidonio, em que a idéa da inveja adversaria já se havia concretizado na mais tenaz obsessão, a brutalidade do aviso vibrou como um relampago de cólera.

E, mesmo antes que a praça se esvaziasse, o coronel Possidonio, das culminancias de toda a sua autoridade de vereador reconhecido pelo Districto de Nosso Senhor Bom Jesus da Lapa, terrivel e inabalavel como um Floriano de oleogravura, provocando até perturbações cardiacas na assistencia temerosa, lançou ao sub-delegado de policia a sua sentença irrevogavel:

— Autôa os responsalvi pela inchente!!!

FIGUEIREDO SILVA

---

alma branca de lyrio e mansuetude,
alma branca de virtude,
onde as garças do amor vão se banhar!...

Lago de perolas, — engaste branco
de cysnes... oceano de belleza
onde fluctúa uma esperança...
onde despeja a serpentina mansa
de um rio pequenino,
que vem chorando a suavidade
de uma canção de amor e de simplicidade!
Engaste branco;
poema da natureza;
pedaço do infinito em chamma aurifulgida
cahido para o olhar,—manso lago da vida!...

DA COSTA PINTO

Seara alheia

Ao accaso das idéas

E' possivel que duas vezes em dez seculos um homem civilizado tenha dito: "Emfim, estou realmente de todo satisfeito."

No emtanto, o animal selvagem ajusta-se perfeitamente ao seu meio ambiente. Toda civilização não é mais que uma evasão do paraiso.

*

Só os que ignoram que não ha nem acima nem abaixo admittem esta invenção das alturas. Nada está acima e nada está abaixo, e sim mais ou menos distanciado de um ponto convencionado. E assim tambem ninguem é inferior nem ninguem é superior e sim mais ou menos parecido a uma ficção preestabelecida, que poderá deixar de sêl-o.

*

A felicidade consiste em viver a vida de verdade, ou, melhor: a felicidade em saber viver cada um a sua verdade. Como a sociedade estabeleceu uma só verdade para todos, a uns ella parece por demais estreita, restricta, a outros demasiado ampla, folgada. A mais perniciosa das manias do homem é, por isso, legislar e legislar não é mais que falsear e prejudicar a verdade — ALMAFUERTE.

Comprehender

Procura comprehender a maldade: segue-a como quem segue uma onda de agua turva e te convencerás de que no começo é pura e brota de um crystal de innocencia.

Este é malvado porque lhe deram a maldade no sangue; aquelle é máu porque o entregaram a ruim officio, a faina brutal e grosseira; outro é mal porque nunca o convidaram com um appello profundo a ser melhor e o será quando uma voz assim o chame; aquelle outro, por fim, é tambem máu porque vê seu filho dormir ao relento. Diz, agora, se a todos estes poderia ser facil o amor.

Olha com profundidade e irás comprehendendo esta obscura sciencia do mal. Para ser piedoso não é necessario senão que olhes largamente e com intenção de ternura.

Uns tornam-se máus de um golpe, de um só arranco do destino, que lhes roubou a mãe o o amor e outros tornam-se perversos lentamente, por uma diaria queimadura, ligeira, mas causticante e cheia de dor.

E não te envaideça homem justo, mulher pura, a tua virtude, que poderá ser preguiça, plenitude de bens, regalo immerecido de Deus no teu corpo ou em tua vida. Pode ser tua virtude apenas um coração sem chamma.

Porque a virtude, para sêl-o, ha de ser marcada por uma ferida de dor — GABRIELA MISTRAL.

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:
(Porte simples)
Anno.... (52 ns.) .... 48$000
Semestre (26 ») .... 25$000
(Registada)
Anno.... (52 ns.) .... 70$000
Semestre (26 ») .... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO:
(Porte simples)
Anno.... (52 ns.) .... 78$000
Semestre (26 ») .... 40$000
(Registada)
Anno.... (52 ns.) .... 115$000
Semestre (26 ») .... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON-FON
Revista Semanal Illustrada
EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.
Director: SERGIO SILVA
REDACTOR-CHEFE: Gustavo Barroso — THESOUREIRO: Cyro Machado
Direcção, Redacção e Officinas:
62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)
Telephones: Administração: 2 - 4136
Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97
Endereço telegr.: FON - FON
Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:
E. Bourdet & Cia. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000
Numero atrazado ..... 1$500

BELLEZAS FAMOSAS DA HISTORIA

Aspasia tinha um tratamento de belleza proprio ~

Até Pericles e Socrates se deleitavam com a presença de Aspasia, a mais celebre de todas as cortezãs gregas. Além de possuir uma belleza que fascinava quem a visse, Aspasia era dotada de um espirito extraordinariamente agudo e subtil. Sabendo applicar com astucia o seu conhecimento de oleos e essencias, teve a seus pés grandes escriptores, philosophos e guerreiros

Hoje, o segredo da belleza da pelle é DAGELLE

Hoje em dia a Senhora não precisa penetrar mysterios para poder conhecer os segredos de belleza, pois estes lhe são descobertos pelos admiraveis preparados Dagelle. Use o insuperavel Creme Evanescente de Dagelle antes de applicar o pó de arroz e a maquillage, e a sua epiderme ficará protegida para o resto do dia. A' noite, applique bastante Creme Perfeito de Dagelle no rosto, collo e braços, para suavizar a textura da pelle e accentuar a frescura natural de sua cutis. Na manhã seguinte, complete este tratamento de belleza com uma applicação de Vivatone, o tonico revigorante. Sinta o viço de uma pelle joven com o suave matiz de uma rosa! Preparamos um Estojo Especial de Belleza que contem todos estes preparados de Dagelle. Não acha melhor enviar-nos o coupon hoje mesmo?

DAGELLE

Creme Evanescente ~ *Vivatone* ~ *Creme Perfeito*

DAGELLE, R. Theophilo Ottoni 44, Rio de Janeiro

¶ Queiram enviar-me um Estojo Especial de Belleza, contendo os tres admiraveis preparados de DAGELLE. Junto envio a quantia de 5$000 em carta com valor declarado.

Nome..

Rua e No...

Cidade.............................*Estado*............................ (F. F. - 3)